

# HELENA

## EURÍPIDES



INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS  
DA FACULDADE DE LETRAS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



MOVIMENTO

### EURÍPIDES

Eurípides nasceu cerca de 458 a.C. em Salamina, célebre ilha próxima de Atenas, onde estudou e viveu grande parte de sua vida.

De Eurípides nos chegaram os textos completos de dezenove peças, fragmentos de outras cinquenta e cinco e os títulos de noventa e duas.

Eurípides recebeu muitos e importantes prêmios ao longo de sua vida. Uma das razões do seu sucesso era a sua

modernidade. Enquanto Ésquilo e Sófocles expressavam, em seu teatro, valores ligados aos ideais da aristocracia, Eurípides é filosoficamente um produto do sofismo. Diz sobre ele Arnold Hauser: "O mundo das ideias dos sofistas encontra sua expressão artística mais completa e importante em Eurípides, o único verdadeiro poeta da Ilustração helênica. Os temas míticos parecem ser para ele apenas um pretexto para todas as questões mais atuais da



HELENA



Coleção Teatro  
Volume 8

EURÍPIDES

# HELENA

Versão do grego, introdução e notas  
José Ribeiro Ferreira

Professor Catedrático na  
Universidade de Coimbra



MOVIMENTO

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS  
DA FACULDADE DE LETRAS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Capa  
Eduardo Miotto

Diagramação  
Vitor Belloli

Revisão  
Mariane Farias  
Peter Pellens

Acompanhamento editorial  
Rubem Appel

Serviu de base à tradução o texto grego estabelecido por J. Diggle, *Euripidis Fabulae III* (Oxford Classical Textes, 1994).

# CATALOGAÇÃO NA FONTE DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

E88h

Eurípides.

[Helena. Grego]

Helena / Eurípides ; versão do grego, introdução e notas: José Ribeiro Ferreira. – Porto Alegre : Movimento, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.  
96 p. ; 14 x 21 cm.

Tradução do original em grego.

ISBN 978-85-7195-149-5

1. Teatro grego. I. Ferreira, José Ribeiro. Título.

CDID- 882

2009

Direitos desta edição reservados à

Editora Movimento  
Rua Banco Inglês, 252

Morro Santa Teresa  
90840-600 - Porto Alegre - RS - Brasil  
Tel. (51) 3232-0071  
Fax (51) 3232-0001  
www.editoramovimento.com.br  
editoramovimento@editoramovimento.com.br

Instituto de Estudos Clássicos  
Faculdade de Letras  
Universidade de Coimbra  
Praça da Porta Férrea  
3004-530 Coimbra - Portugal  
Fone: 239 859 981

## SUMÁRIO

## Introdução / 7

## Helena / 13



<sup>1</sup> *Amor e morte na cultura clássica* (Columbra, Ariadne, 2004).

Conta o mito que Páris, na disputa entre as deusas pelo cetro da beleza (Hera, Atena e Afrodite), entregara a maçã dourada, símbolo de beleza mais bela — o pomo da Discórdia — a Afrodite que lhe promete a vitória sobre as outras duas divindades. Segundo uma versão desse mito, a esposa de Zeus, para se vingar de Páris e defraudar os seus

outro trabalho<sup>1</sup>. pre com consequências funestas se dão as mãos, como já mostrei em eros e thánatos — uma trilogia tantas vezes associada e quase sem- no séc. V a.C. É uma peça em que guerra, amor e morte ou pólemos, (490 e 480-479 a.C.), foi a base do poderio e prosperidade de Atenas estado que, formada nos anos imediatos às Guerras Medo-Persas Delos (cf. Tucídides 8. 14-17 e 32), uma confederação de cidades- espartanos e pelo abandono em série dos membros da Simaquia de 8. 1), agravado pela ocupação subsequente de Decélia pelos parte dos seus recursos, lançou os atenienses em desespero (Tucídides para Atenas: a derrota nessa empresa, em que haviam gasto grande posta sob o efeito do desastre da Sicília, de tão graves consequências A *Helena*, representada — tudo o indica — em 412, é com-

## INTRODUÇÃO



(vv. 440 e 468). Não é por ela que, apesar dos modos duros, até gosta dos gregos (v. 481). Receia o rei, que lhe impusera a missão de os afastar a todos do palácio (v. 444).

Nas cenas seguintes, Helena e Menelau encontram-se, reconstituem-se e planeiam a fuga. Ao deparar com a verdadeira Helena, Menelau fica impressionado com a semelhança apresentada com a que deixara escondida na gruta, pergunta-lhe se é grega. A tindárida declara a sua identidade e, como o filho de Atreu não acredita na revelação, lamenta perder quem mais ama e não ver mais os helenos e a pátria (v. 596).

Concluído e confirmado o reconhecimento, os dois planeiam a fuga, prometem morrer um pelo outro, suplicam a Teónoe que não revele o que se passa, para poderem rever a Hélade (v. 929) e alterar a fama que Helena aí tem (v. 927). Obtida a promessa da profetisa de que manterá o silêncio, para permitir que se cumpram as decisões dos deuses (v. 882) de retorno de Menelau à Hélade, procuram a melhor forma de conseguirem sair do Egipto. Helena anunciará a morte fictícia do marido e pedirá a Teoclímeneo um barco, com o pretexto de lhe prestar honras fúnebres no mar, de acordo com os costumes da Hélade e dos helenos (vv. 1065, 1241, 1246 e 1270), que proibem que se pulte em terra quem pereceu em naufrágio. Desse modo obterão os meios de abandonar o Egipto.

O rei acede ao pedido e o barco parte. Em breve, aparece o mensageiro e conta como se processou a fuga: na hora da partida, chegam outros helenos ao navio (v. 1538) e Menelau acolhe-os. Esses gregos, pouco depois, lutam pela posse do barco e o atrida incita a fina flor da Hélade a massacrar os bárbaros e a lançá-los ao mar (vv. 1583-1594). Logo que do navio se apoderam, Menelau vai junto do timoneiro e ordena que siga para a Hélade (v. 1611). Curiosa e significativamente, não em direção à Lacônia ou Esparta, como talvez fosse de esperar de quem era natural dessa região e para lá partia, mas para a Hélade, coletivo em que se insiste com frequência.

A versão do mito usada por Eurípides não é a mais frequente na tradição, na literatura, na arte greco-romanas, embora já a encontremos em autores que precederam Eurípides, como é o caso de

intentos e os de Afrodite, ordenara a Hermes que levasse a verdadeira Helena para o Egipto (vv. 247-248). Ai, assediada por Teoclímeneo que, após a morte do pai, subira ao trono, lamenta o seu destino: sofrer e ser maldita e difamada na Hélade (v. 66), por se pensar que traía o esposo e provocara uma guerra fatal para os helenos (v. 55). E no Egipto vai resistindo às propostas de casamento do rei local, esperara, qual nova Penélope, que Menelau por aí passasse e a recolhesse.

Para Troia envia a deusa uma imagem ou *eidolon*, pela qual gregos e troianos combatem durante dez anos, até a destruição da cidade de Ilion, com inúmeras mortes de ambos os lados, informa a protagonista no prólogo da tragédia de Eurípides.

Helena lamenta com certa obsessão ter sido a causa de desgraça e de morte para tantos e accentua o contraste entre a sua resistência atual aos desejos do rei e a reputação negativa imerecida que tem na Hélade. Este rancor da Grécia pela tindárida é em breve confirmado por Teucro que ao Egipto aporta para consultar a sacerdotisa Teónoe, irmã do rei: "toda a Hélade odeia a filha de Zeus", refere o irmão de Ajax (v. 81). No entanto, Helena não tem culpa. Foi Zeus — informa o prólogo — que suscitou a guerra entre helenos e troianos (v. 38), para libertar a terra do excesso da população e para a glória da Hélade (v. 41), versão que já se encontrara nos *Cantos Ciprios* (fr. I Allen).

Depois da partida de Teucro, a tindárida lastima a situação em que se encontra e lamenta que, por causa de Cipris, as troianas tenham de chorar os mortos, e pelos seus a Hélade entoe trenos e vertagrimas (vv. 370-371). Preferia — accentua ela — que os seus traços fisionômicos mudassem, se fosse possível, e que a sua beleza se transformasse em fealdade, para que a sua triste fama fosse esquecida dos helenos e a sua inocência por eles celebrada (vv. 265-266). Uma Helena bem diferente da figura fútil e muito ciosa da sua beleza que nos aparece em outras peças.

Menelau, atirado para as praias do Egipto depois de longo tempo de errância pelo Mediterrâneo, lamenta a sua sorte, apesar da sua fama na Hélade (v. 396). Vem pedir ajuda ao rei e, como já fizera Helena relativamente a Teucro, a velha porteira do palácio aconselha-o a afastar-se, porque o senhor, Teoclímeneo, tem ódio aos helenos



Estesíucoro (frs. 15 e 16 Page) e Heródoto 2.112-120. Na outra versão do mito dramatizada por Eurípides lhe atribui e que a transformação, como dizem os versos 1684 e 1686, proferidos por Teoclimeno, quase os últimos da peça — na "mulher mais virtuosa e casta" e a exalta "pela sua nobreza de espírito", ou seja uma outra Penélope. Não é, com certeza, inócua a atitude de Eurípides em reabilitar Helena, por quem manifesta tanta antipatia em outras tragédias, como acontece na *Andrômaca*, nas *Troianas*, na *Hécuba*, no *Orestes*<sup>2</sup>: a utilização da referida versão do mito, singular e pouco usual, precisa-mente no ano imediato à expedição da Sicília. Gregos e troianos en-volveram-se em dez longos anos de lutas e sofrimentos por algo sem consistência e sem realidade — um *eidolon*, o que, como salienta Webster, retira todo o sentido à Guerra de Troia<sup>3</sup>. A expedição contra Troia, de empresa nobre e louvada pelos gregos, transforma-se assim numa guerra louca pela posse de um fantasma — um motivo fútil e ridículo. Mesmo aceitando que os deuses conduzem a ação e que o acontecer humano não é absurdo<sup>4</sup>, é difícil não conceder crédito às palavras indignadas do servo, quando veio informar Menelau de que o fantasma de Helena havia desaparecido (vv. 597 sqq.): os gregos pereceram por uma nuvem e Troia foi destruída por nada. Censura lógica e aceitável — com ressonância evidente em muitos atenienses da época da composição da peça — em um homem que combatera longos anos e muito sofrera para concluir que a guerra teve um moti-vo fútil. Mais tarde, depois do reconhecimento de Helena por Menelau e de haverem os dois planejado a fuga, é o coro que condena a insen-satez dos que procuram a glória nos combates, e nas armas buscam remédio para os males da humanidade: pela emulação na chacina, nunca a discórdia terá fim entre as cidades (vv. 1151-1157):

<sup>2</sup> Vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e helenos I — Gênese e evolução de um conceito* (Coimbra, 1993), pp. 375-376.  
<sup>3</sup> *The Tragedies of Euripides* (London, 1967), p. 201.  
<sup>4</sup> É essa a opinião de M. Pulquério, "A atuação dos deuses na Helena de Eurípides", *Humanitas* 27-28 (1975-1976).

Insensatos de vós quantos na guerra buscais  
glória, e nas lanças robustas,  
nelas julgando encontrar, em vossa ignorância,  
o remédio para os males mortais.  
Se e o combate sangrento  
a decidir, nunca a discórdia  
se ausentará das cidades dos homens.

Estas afirmações pacifistas e de condenação da guerra são sig-nificativas e não deixam de constituir um indício da posição de Eurípides perante o conflito entre Atenas e Esparta, a Guerra do Peloponeso que tinha já cerca de vinte anos e duraria quase mais dez: começara em 432 e terminaria em 404 a.C. Assim um dos temas for-tes desta peça reside na crítica à guerra. Outro aspecto relevante da tragédia é a oposição grego/bárba-ro que constitui um veio vivificador e potenciador do pensamento e dos sentimentos dos gregos. Vimos, no resumo feito acima, que ao longo da peça se insiste no todo Hélade e helenos. Tal insistência torna-se significativa, mesmo que várias das ocorrências constituam lugares-comuns repetidos. Na boca dos egípcios, não-gregos, é lógi-co que topônimo e etnônimo constituam sempre um estereótipo. E também natural que, para o mensageiro, seja a Hélade a região para onde regressaram Helena e Menelau. Afinal esta perfeitamente de acordo com a antítese grego/bárbaro em que se integra. Outros temas, porém, como se deduz do que se disse até ao mo-mento, se encontram equacionados em *Helena*, e não de menor impor-tância para os gregos: a hospitalidade com os deveres e direitos que lhe estão inerentes; o amor e fidelidade conjugal; o cumprimento das pro-messas e da palavra, mesmo que feitas essas promessas e dada essa palavra por um antepassado, como acontece com o compromisso de Proteu em relação ao futuro de Helena e que os filhos, sob pena de falta grave de *asebeia* ou impiedade, tinham o dever de cumprir.



# HELENA

figuras do drama:

Helena

Teucro

Coro

Menelau

Velha

Servo

Teónoe

Teoclímeneo

Mensageiro

Servo de Teónoe

Castor



HELENA

Estas são as correntes do Nilo de belas donzelas,  
que banha a terra do Egito e os seus campos,  
grças ao degelo das brancas neves e não à chuva de Zeus.  
Proteu, enquanto vivo, foi rei desta terra;

5 [com residência na ilha de Faros, era senhor do Egito]  
e toma por mulher uma das virgens que habitam no mar,  
Psamate, depois de abandonar o leito de Eaco.  
Gerou-lhe dois filhos nestes palácios,

10 um rapaz, Teoclímeneo, [porque honrou os deuses  
enquanto teve vida] e a nobre donzela  
Eido, enlevo da mãe quando era criança.

Desde que, na juventude, atingiu a idade de casar,  
chamam-lhe Teónoe, porque as coisas divinas,  
todas, ela conhece, o presente e o futuro,

15 honra que herdou de seu avô Nereu.  
Quanto a mim, a minha terra pátria não é desconhecida,  
Esparta, e o meu pai é Tíndaro. Mas conta  
uma tradição que Zeus voou para minha mãe  
Leda, sob a forma de ave, um cisne.

20 Este, por meio de dolo obteve os seus favores: fugir  
à perseguição de uma águia, se é verdadeira a história.  
Helena é meu nome. E os males que sofro  
passo a contar-vos. Três deusas, em disputa pela beleza,  
chegaram a uma gruta do Ida, junto de Alexandre,

25 Hera, Cípris e a virgem filha de Zeus,  
por desejarem obter o prêmio de formosura.

E à custa da minha beleza, se é beleza o que causa desgraça,  
Cípris, ao prometer que Alexandre comigo casaria,



vence. Então Paris, abandonando os estúbulos do Ida, chega a Esparta, seguro de que teria o meu leito. Mas Hera, despeitada por não ter vencido as outras deusas, encheu de vento as minhas núpcias para Alexandre e dá-lhe não a minha pessoa, mas uma imagem viva, em tudo semelhante a mim, que ela formou de bruma, e entrega-a ao filho do rei Priamo. E julga que me tem, vá ilusão, já que me não possui. Os desígnios de Zeus outra coisa determinaram com os seguintes males: trouxe a guerra à terra dos helenos e aos infelizes frigios, para da grande multidão de mortais aliviar a mãe Terra. e para tornar famoso o mais valente herói da Hélade. Não era eu, porém, que determinava o vigor dos troianos nem o meu nome era para os helenos prêmio da lança. Hermes, tomando-me nas dobras da bruma, envolve numa nuvem — pois me não esquecerá Zeus — instalou-me no palácio de Proteu, em que me encontro, a fim de manter incólume o meu leito para Menelau. Eu estou aqui, mas o meu marido, desafortunado, reunindo um exército, persegue os meus raptos. junto das muralhas de Ilion, para me recuperar. E muitas vidas, por minha causa, junto do Escamandro, de suas correntes perceram; e eu, apesar de sofrer tudo isso, sou a mais execrável criatura e passo por ter traido meu marido e provocado uma grande guerra aos helenos. Por que vivo ainda? E que eu obtive a palavra do deus Hermes de que ainda habitaria a ilustre planície de Esparta com o meu marido, conhecedor de que não fui para Ilion, a fim de não suportar o leito de outro. Ora enquanto Proteu viu a luz do sol, estive a salvo do casamento. Mas depois que a terra o ocultou nas suas trevas, o filho dele procura desposar-me à força. Mas eu, honrando sempre

30

35

40

45

50

55

60

o meu marido, lanço-me diante deste tumulto de Proteu, suplicante, para que salve o meu leito para Menelau. Desse modo, se tenho um nome difamado na Hélade, aqui o meu corpo não será culpado de vergonha. TEUCRO  
Quem reina sobre esta poderosa morada?  
É um palácio que parece digno de Plutão:  
reis são as muralhas e bem ameados os aposentos.  
Eh, lá!  
Ó deuses, que visão tenho eu? Vejo a mais detestada das mulheres, a imagem assassina que me perdeu e a tantos aqueus. Os deuses te rejeitem, mulher, tu que tens a imagem de Helena. E se terra estrangeira meus pés não pisassem, com este dardo infalível tu morrerias, por aproveitares a imagem da filha de Zeus. HELENA  
Que dizes, infeliz? Quem és tu que viras contra mim o ódio que sentes pelos infelizes fados dessa Helena? TEUCRO  
Enganei-me. Cedi à cólera mais do que devia. É que a Hélade inteira odeia a filha de Zeus. Perdoa-me, mulher, as palavras que proferi. HELENA  
Sou um dos aqueus, mulher, um dos desgraçados... TEUCRO  
Não admira nada então que detestes Helena. [Mas quem és e de onde vens? De quem obténs o nome?

65

70

75

85



TEUCRO

O meu nome é Teucro, o pai que me deu o ser  
Télamon e Salamina foi a pátria que me alimentou.

HELENA

Ao certo o que te desviou para estes campos do Nilo?]

TEUCRO

Como proscrito, fui expulso da terra de meus pais.

90

HELENA

És então um infeliz. E quem te exila da pátria?

TEUCRO

Télamon que me gerou. Que parente poderia haver mais chegado?

HELENA

Por que razão? É que a ação pode justificar a desgraça.

TEUCRO

Ájax, meu irmão, foi a minha perdição, ao morrer em Troia.

HELENA

Como?! Acaso porque lhe tiraste a vida com a tua adaga?

95

TEUCRO

Deu-se ele próprio a morte, ao lançar-se sobre a sua espada.

HELENA

Estava louco? Porque quem, em seu juízo, seria capaz disso?

TEUCRO

Conheces o filho de Peleu, um certo Aquiles?

HELENA

Sim.

Em tempos foi um dos pretendentes de Helena, ouvi dizer.

TEUCRO

100 A sua morte deu origem à disputa das suas armas entre os aliados.

HELENA

E, na verdade, que mal há no caso para Ájax?

TEUCRO

Desviadas as armas para outro, ele desviou-se da vida.

HELENA

E então, por causa das desgraças dele, tu foste afetado?

TEUCRO

Sim, por não ter perecido juntamente com ele.

HELENA

105 Foste, portanto, à ilustre cidade de Ílion, estrangeiro?

TEUCRO

E, ao colaborar na sua destruição, eu próprio me perdi.

HELENA

Portanto, a cidade já foi tomada e devastada pelo fogo?

TEUCRO

A tal ponto que nem vestígios seguros existem das muralhas.

HELENA

Ó infeliz Helena, por ti os frígios foram destruídos.



TEUCRO  
E sobretudo pelos aqueus. São trabalho seu os grandes males.

110

HELENA  
E há quanto tempo foi a cidade derruída por inteiro?

TEUCRO  
Quase sete vezes dobraram os círculos dos anos.

HELENA  
E o outro tempo que permaneceram em Troia, quanto foi?

TEUCRO  
Muitas luas. Completaram-se dez anos.

HELENA  
E a mulher espartana, capturaram-na, não é verdade?

115

TEUCRO  
Menelau agarrou-a pelo cabelo e arrastou-a.

HELENA  
Viste acaso tu próprio a desgraçada, ou dizes o que escutaste?

TEUCRO  
Exatamente como te vejo com estes olhos, nada menos.

HELENA  
Mas vê se não tiveram uma miragem vinda dos deuses.

TEUCRO  
Recorda-me outro assunto, não mais essa mulher.

120

HELENA  
Considerais a vossa visão de tanta confiança?

TEUCRO  
Pois se eu próprio a vi com os meus olhos, e o meu espírito a vê ainda.]

HELENA  
E já estarão em suas casas Menelau e a mulher?

TEUCRO  
Seguramente não, nem em Argos, nem junto das águas do Eurotas.

HELENA  
125 Ai! ai! É a desgraça o que anuncia para aqueles de quem falas.

TEUCRO  
Desaparecidos, ele e a mulher, ao que consta.

HELENA  
E não era o trajeto o mesmo para todos os argivos?

TEUCRO  
Era, sim. Mas a tempestade dispersou-os aqui e além.

HELENA  
Em que paragens do mar os surpreendeu ela?

TEUCRO  
130 Caminhavam a meio da travessia do Mar Egeu.

HELENA  
E desde então ninguém soube de Menelau ter aportado?

TEUCRO  
Ninguém. E na Hélade é voz corrente que está morto.

HELENA  
Estou perdida. E vive ainda a filha de Téstio?



TEUCRO  
Refêres-te a Leda? Já desapareceu, está morta.

HELENA  
Não a perdeu talvez a vergonhosa fama de Helena? 135

TEUCRO  
Assim consta, e com uma corda a envolver o delicado pescoço.

HELENA  
E os filhos de Tíndaro? Ou não existem já esses jovens?

TEUCRO  
Morreram e não morreram. Existem as duas versões.

HELENA  
Qual é a melhor? Ó infeliz de mim que males me afligem.

TEUCRO  
Transformados em astros, dizem que eles são deuses. 140

HELENA  
É belo destino esse que contaste. E qual é o outro?

TEUCRO  
Que por suicídio exalaram a vida por causa da irmã.  
E são várias as versões. Não desejo chorar duplamente.  
E quanto à razão por que vim a estas mansões reais,  
o desejo de consultar a profetisa Teónoe, 145  
tu sê minha medianeira, para que eu obtenha os oráculos  
que me digam como, com vento favorável, as asas da nau me levarão  
para a terra marítima de Chipre, onde me ordenou  
Apolo que habitasse, dando-lhe o nome da insular  
Salamina, em memória da outra minha pátria. 150

HELENA  
A própria travessia, estrangeiro, revelará o caminho. Mas tu deixa  
esta terra e foge, antes que o filho de Proteu  
te veja; é ele que governa este país. Agora está ausente,  
com seus cães, em caçadas e carnificinas de animais selvagens.  
Mata todo o estrangeiro grego a que lance mãos. 155  
Mas a causa disso nem sequer procures conhecê-la.  
Eu própria ficarei calada. Pois que me interessa dizer-te?

TEUCRO  
Falas bem, mulher; e que os deuses te concedam  
os seus favores, em troca da tua ajuda.  
Se o teu corpo é parecido ao de Helena, não tens  
semelhante o espírito, antes muito diferente. 160  
Tenha ela morte funesta e nunca às águas do Eurotas  
aporte. E tu, que sejas sempre afortunada, mulher.

*Teucro sai de cena.*

HELENA  
Ao iniciar o grande lamento das minhas muitas aflições,  
que gemidos soltar ou com que canto os acompanhar? 165  
Com lágrimas ou com trenos ou com luto? Ai! ai!

*Helena começa a entoar a primeira  
estrofe do párodo e, enquanto o faz, o  
Coro de cativas gregas vai entrando lentamente.*

Donzelas aladas, 170  
virgens filhas da Terra,  
Sereias, oxalá aos meus  
lamentos viésseis, com o líbio  
loto ou com a siringe ou  
com as flautas, aos meus dolorosos  
males associar lágrimas,

Estrofe 1



aos infortúnios infortúnio, aos cantos cantos.  
Unindo lamentos  
aos trenos, possas tu enviar,  
Perséfone, deusa da morte, as tuas graças  
para que, além das lágrimas, comigo  
recebas em teus noturnos palácios  
os peanes destinados aos mortos.

CORO  
Junto do azul denso das águas,  
na frisada erva, estendi  
ao sol os peplos de púrpura  
ao calor dos raios dourados,  
a secarem  
sobre uns rebentos de junco.

Aí escutei um som dolente,  
elegia sem lira, que então ecoa,  
..... entre gemidos

e lamentos, uma Ninfa,  
uma Náiade, retirada nas montanhas,  
e espalha, triste, um canto de núpcias  
e do fundo das pétreas grutas, com gritos agudos,  
celebra o violento abraço de Pa.

HELENA

O despojo de barco bárbaro,  
jovens filhas da Hélade,

um marinheiro aqueu

veio até aqui, aqui veio e trouxe-me lágrimas sobre lágrimas.

Estrofe 2

190

195

200

por causa do meu nome, que tanta dor provoca:  
Leda, por enforcamento.  
deu-se a morte, torturada

de mãgoas com vergonha de mim;  
o meu marido, que longo tempo errou  
no mar, teve morte funesta;

e Castor e o seu irmão,  
gêmea glória da pátria,  
desapareceram, deixando  
as calçadas, que ressoam com os cavalos, e os ginásios  
que marginam as correntes do Eurotas

e onde se afadiga a juventude.

CORO

Ai! ai! É divindade cheia de lamentos,  
a tua sorte, mulher.

Vida infornada

te destinou, te destinou a sorte, quando em tua mãe te gerou,  
sob a alva cor de cisne,  
Zeus que fendia o ar.

E quantas desgraças te aconteceram!

Quanta desfortuna ao longo da vida!

Tua mãe está morta

e os gêmeos rebentos de Zeus não foram  
mais felizes, esses seus filhos queridos.

Tu não contemplas a terra pátria

e pelas cidades expande-se

o rumor de que aos bárbaros,

Senhora, te entregas, aos seus leitos.

Entretanto teu marido nas ondas do mar

perdia a vida. Assim nunca mais

verás os palácios de teu pai, nem terás

o gosto de ver o templo da Deusa de Bronze.

HELENA

Ui! Ui! Qual dos frígios

ou que homem da terra helênica

cortou o pinheiro que tantas lágrimas,

Epodo

Antístrofe 2

210

205

Antístrofe 1

180

185

190

195

200

230



Queridas amigas, a que sorte fui eu atrelada!  
A que me deu o ser prodígio para os homens!  
[Na verdade, nunca mulher grega ou bárbara  
deu à luz um alvo invólucro de ovo,  
em que, segundo dizem, Leda de Zeus me gerou.]  
Prodígio foram também a minha vida e os meus atos:

HELENA

Tu estás a sofrer, eu sei. Mas é conveniente para ti  
que suportes o fardo da vida de forma mais resignada.

CORO

tantas, fez correr em Ilion?  
Da sua madeira um barco funesto  
construiu o filho de Priamo  
e o fez navegar com remos bárbaros  
até à minha morada  
[em busca da minha tão infornada  
beleza, para obter as minhas núpcias],  
enquanto a pérfida e mortífera Cipria  
preparava a morte aos dânaos [e aos priamidas].  
Ó infeliz sorte a minha.  
A deusa que, em tronos de ouro,  
recebe o estreito abraço de Zeus,  
Hera, o ágil mensageiro  
me enviou, o filho de Maia.  
E enquanto, nas dobras do meu peplo, eu colhia  
pétalas frescas de rosas para as oferecer  
à deusa do templo de bronze, Atena,  
Hermes levava-me através do céu  
até esta terra desolada  
e discórdia fez de mim, pensa discórdia  
que opôs a Hélade aos priamidas.  
E o meu nome junto das correntes do Simoente  
mentirosa fama apresenta.

260

255

250

245

240

235

os que pratiquei devido a Hera e os que a beleza me causou.  
Oxalá pudesse apagar os meus traços, como se fora uma imagem,  
e em troca tomar nova forma, uma feia em vez da bela,  
e assim a funesta fortuna que agora possuo  
pudesses os helenos esquecer, a minha inocência  
guardando na memória, como preservam as maldades.  
Quem, na verdade, ao considerar uma desgraça apenas,  
é maltratado pelos deuses, sente o peso do golpe, embora suportável.  
Mas eu vejo-me envolvida em múltiplos infortúnios.  
Primeiro, se bem que não tenha culpa, sou difamada.  
E isso é mal maior do que se fosse verdade:  
não praticar ações infames e ver-se acusado delas.  
Em seguida os deuses me exilaram da terra pátria:  
levada para país bárbaro e privada dos amigos,  
encontrei-me retida como escrava, eu que era livre,  
pois todos os bárbaros são escravos, exceto um só.  
A única âncora que sustinha as minhas esperanças,  
a chegada do meu marido que me desligaria dos males,  
agora, uma vez que ele morreu, já não existe.  
A minha mãe, morta também, e foi eu a sua assassina:  
é de fato injusto, mas esse crime é de minha autoria.  
E a que, luz da minha casa, de mim nasceu,  
minha filha, sem marido, grisalha, continuará virgem.  
Também os dois filhos de Zeus, os chamados Dioscuros,  
não existem. Mas eu, que em tudo sou uma desgraçada,  
estou morta devido às circunstâncias, mas não na realidade.  
[Mas o pior de tudo será, se eu regressar à pátria,  
Heleno teria partido juntamente com Menelau.  
Ora se meu marido vivesse, eu seria reconhecida  
por determinados sinais, apenas para nós evidentes.  
Agora essa esperança não existe, nem serei salva nunca.]  
Que interesse tenho ainda em viver? Que sorte me resta?  
Para alterar os meus infortúnios, vou aceitar o casamento  
e viver com um homem bárbaro, à sua abastada

295

290

285

280

275

270

265



mesa me sentando? Mas quando o marido é molesto para a mulher que com ele vive, também o corpo é molesto. [Morrer será o melhor. Como morrer de forma bela? É desonroso o enforcamento por suspensão de um laço, e é considerado degradante mesmo para os escravos. Por outro lado, a morte com punhal é digna e bela, e num breve instante se corta o fio da vida.]

Quão grande é o abismo de desgraças a que cheguei! São felizes por causa da beleza as outras mulheres, enquanto no meu caso a beleza foi a minha perda.

CORO

Helena, o estrangeiro que aqui veio, seja quem for, não deves pensar que tenha falado toda a verdade.

HELENA

Mas afirmou de forma clara que meu marido está morto.

CORO

Muito do que se diz com clareza vem envolto em mentira.

HELENA

Pelo contrário, é também indício de verdade.

CORO

És inclinada a crer na desgraça e não nas coisas boas.

HELENA

É que o medo me arrasta e me rodeia de temor.

CORO

Que sentimentos de amizade despertas nestes palácios?

HELENA

Todos são meus amigos, salvo o que me quer obter para esposa.

310

305

300

CORO  
315 Escuta então o que te digo: abandona o assento do túmulo...

HELENA

A que discurso te encaminhas ou que conselho me das?

CORO

Entra no palácio e àquela que tudo conhece, a donzela nascida da Nereide, ninfa do mar,

320 a Teónoe interroga sobre o teu marido: se existe ainda, ou se abandonou a luz do dia. E bem conhecedora

da tua sorte, entrega-te à alegria ou às lágrimas.

Sem nada saberes ao certo, por que cada vez mais

te entregas a aflições? Vá, escuta as minhas palavras.

[Abandona esse túmulo e procura a donzela

325 de quem tudo saberas; se quem te diga a verdade

tens nesta casa, para que procurar mais longe?

Quero também eu acompanhar-te ao palácio

e conhecer os oráculos da profetisa,

pois uma mulher deve ajudar outra mulher.

HELENA

330 Aceito, amigas, os vossos conselhos.

Entrai, entrai no palácio,

para no interior da mansão as provas

que me esperam conhecereis.

CORO

Não quero que me chames duas vezes.

HELENA

335 Oh! Que funesto dia.

Que funesta, que funesta nova

escutarei que me fará chorar?



## CORO

Não sejas profetisa de sofrimentos,  
não antecipes, minha amiga, os lamentos.

## HELENA

Que desgraças suportou o meu infeliz marido?  
Acaso vê ele a luz do dia,  
a quadriga de Hélios e os caminhos dos astros  
ou entre os mortos, sob a terra,

suporta o destino sem tempo?

## CORO

Pensa melhor sobre o que o futuro  
te reserva qualquer que seja.

## HELENA

A ti invoco, por ti faço este juramento,  
rio de belas correntes e juncos, de verde tenro,  
Eurotas, se o rumor da morte  
de meu marido é verdadeiro,  
+ coisas essas para mim algo obscuras ainda +,  
suspense, um laço de morte  
langarei em volta do pescoço  
ou então, com ferro mortífero,  
farei, com esforço, um golpe, fonte de sangue,  
cravando no corpo a lâmina inteira de uma espada,  
— sacrifício às três deusas

e ao pirâmida que as grutas  
do monte Ida outrora habitava,  
perto dos seus estábulos.

## CORO

A outra senda se desviam os males  
e possa o teu destino ser feliz.

340

345

350

355

360

## HELENA

Ó desafortunada Troia, foste destruída  
por um crime que ninguém cometeu, funesto destino,  
e a dádiva que Cípris fez de mim provocou  
muito sangue e muitas lágrimas.

365

+ E ela recebeu a paga, com penas sobre penas, lágrimas sobre  
[lágrimas +;

as mães perdem os filhos,

depuseram os cabelos as donzelas,  
irmãs dos mortos, em sinal de luto,

nas correntes do frígio Escamandro.

370

E um grito, um grito pela terra da Hélade  
ressoa, toda ela se desfaz em soluços,

com as mãos golpeia a cabeça

e com as unhas as delicadas faces

umedece de sulcos sangrentos.

375

Ó virgem da Arcádia, foste feliz outrora,  
Calisto, tu que entraste no leito de Zeus,

metamorfoseada em quadripede,

como a tua sorte foi muito melhor do que a minha!

Sob a forma de fera coberta de pelo,

+ aspecto de leoa com olhar impetuoso +,

380

tu evitaste o fardo das aflições.

E tu, a quem um dia Ártemis afastou do seu cortejo,  
mudada em corça de chifres de ouro, titânida filha de Mérope,

por causa da tua beleza. O meu corpo, pelo contrário,

foi a minha perdição e perdeu a cidadela dardânia,

385

causando morte aos aqueus.

*Helena e o Coro entram no palácio. Na cena deserta entra  
Menelau com a roupa esfarrapada.*



# MENELAU

Tu que, em Pisa, com Oinômao, a corrida  
de quadrigas um dia disputaste, Pélops,  
oxalá tivesses morrido + então, [ao seres persuadido a constituir  
refeição para os deuses] e entre os deuses + deixares a vida,  
antes de teres gerado o meu pai Atreu  
que, por sua vez, do leite de Aérope gerou  
Agamêmnon e a mim, Menelau, uma ilustre parselha.  
Considero grande feito — e digo-o sem orgulho —  
fazer embarcar para Troia tão grande exército,  
sem recorrer à força de tirano, mas à dos chefes;  
e a juventude da Hélade me seguia de livre vontade.  
E podem-se contar os que já não existem  
e os que, felizes, escaparam aos perigos do mar,  
para levar às casas os nomes dos mortos.  
Mas eu, pelas ondas profundas do mar glauco,  
ando errante, infornado, desde o tempo em que de Ílion  
destruí as torres; e, desejoso de regressar à pátria,  
não se dignam os deuses conceder-me essa graça.  
As zonas costeiras, desertas e inospitais, da Líbia,  
todas elas já abordei; e, quando me aproximo da terra pátria,  
de novo o vento me afasta e nunca se mostra favorável  
em soprar nas velas de modo a levar-me ao país.  
E agora, infeliz náufrago, perdidos os companheiros,  
fui atirado para esta terra; o barco contra os rochedos  
estilhaçou-se em grande número de destroços.  
Restou a quilha de artística feitura,  
sobre a qual a custo me salvei, sorte inesperada,  
e Helena, que trago por a ter arrebatado de Troia.  
O nome desta região e do povo, qualquer que seja  
não o conheço, pois tenho vergonha de falar às pessoas  
[de modo a colher informações, por desejo de os andrajos]  
ocultar e por respeito à minha desgraça. Um homem  
de alta condição que cai em desgraça, por falta de hábito  
sente mais a queda do que quem há muito suporta o infortúnio.

420 Mas a necessidade me compele, pois não possuo alimento  
nem vestes para envolver o corpo; estas roupas  
que trago assemelham-se a destroços de navio.  
Os peplos de outrora, as vestes suntuosas,  
os ornamentos, arrebatou-mos o mar. No fundo  
de uma gruta oculte a mulher que todos os males  
me veio causar, deixando os companheiros  
que se salvaram a guardar a que convive no meu leito.  
Só eu vim aqui, procurando com afã encontrar  
para os companheiros os alimentos necessários.  
Vendo este palácio rodeado com muralhas  
e esta porta que indicia um homem abastado,  
aproximei-me: a casa opulenta incute a esperança  
aos marinheiros, mas os que não possuem recursos  
nada teriam para dar, mesmo que o quisessem.

*Bate à porta.*

435 Eh lá! Sairá desta casa um porteiro  
Que anuncie no interior a minha miséria?

*Sai da porta uma anciã.*

## VELHA

Quem bate às portas? Não te queres afastar do palácio  
em vez de permanecer especado à entrada do pátio  
a importunar os meus senhores? Ou então morrerás,  
porque és de raça grega com quem não temos relações.

## MENELAU

Ó anciã, + são acertadas as palavras que dizes +,  
Concordo e vou obedecer. Mas afasta a cólera.



VELHA  
Afasta-te, estrangeiro, porque ele me constange  
a evitar que qualquer heleno se aproxime destas mansões.

*A Velha empurra Menelau, procurando afastá-lo.*

MENELAU  
Alto lá! Afasta a tua mão e não recorras à violência.

445

VELHA  
Mas és tu o culpado, por não escutares nada do que te digo.

MENELAU  
Vai lá dentro anunciar-me aos teus senhores...

VELHA  
Ser-me-á amargo, penso, anunciar as tuas palavras.

MENELAU  
Sou um estrangeiro náufrago que chega, a quem o asilo é devido.

VELHA  
A qualquer outra casa vai agora, em vez desta.

450

MENELAU  
Não. Pelo contrário, vou entrar aqui. E tu obedece-me.

VELHA  
Tu és importuno, sabes. E de imediato te vão pôr fora à força.

MENELAU  
Ai de mim! Onde está o meu glorioso exército?

VELHA  
Se acaso foste respeitável algures, não o és aqui.

MENELAU  
455 Ó deuses, como me tratam de forma tão indigna.

VELHA  
Por que umedeces os olhos de lágrimas? De que te lamentas?

MENELAU  
Dos prósperos êxitos dos tempos de outrora.

VELHA  
Então parte e dispensa as lágrimas aos teus companheiros.

MENELAU  
Que país é este? E de quem são estes palácios reais?

VELHA  
460 De Proteu são estas moradas e a terra é o Egito.

MENELAU  
Egito? Ó desgraçado, onde vim eu aportar.

VELHA  
Que tens tu a censurar ao espelho líquido do Nilo?

MENELAU  
A ele nada lhe censuro. Lamento os meus infortúnios.

VELHA  
Inúmeras desgraças suportas, mas tu não és o único.

MENELAU  
465 Acaso está no palácio o soberano que nomeaste?

VELHA  
Este é o tumulto dele, e é o filho que governa o país.



MENELAU  
Onde está ele exatamente? Fora ou no interior do palácio?

VELHA  
Não se encontra dentro. É o pior inimigo para os gregos.

MENELAU  
Que falta cometeram eles que eu tenha que pagar?

VELHA  
Helena encontra-se neste palácio, a filha de Zeus.

MENELAU  
Que dizes? Que história é essa? Repete-ma de novo.

VELHA  
A filha de Tíndaro que vivia em Esparta.

MENELAU  
Onde veio ela? Que sentido tem a história?

VELHA  
Veio para aqui da terra da Lacedemônia.

MENELAU  
Quando?

(*Em aparte*)

Não terão retirado a minha mulher da gruta?

VELHA  
Antes de os aqueus, ó estrangeiro, partirem para Troia. Mas parte do palácio, pois deu-se um acontecimento, pelo qual a casa real foi perturbada. Pois não chegaste em ocasião oportuna. Se o meu senhor te encontra, a morte será a hospitalidade que te dará.

Eu sou benevolente para os helenos e só amargas palavras te dirijo, por receio ao meu patrão.

*A ancã entra no palácio.*

MENELAU

Que pensar? Que hei-de dizer? Às minhas desgraças

485 de outora o que acabo de escutar acrescenta outras, se trago a minha esposa de Troia onde a recuperarei, aqui acabo de chegar e a deixei a salvo numa gruta,

e entretanto com o mesmo nome da minha

uma outra mulher reside nestes palácios.

E disse a velha que ela é filha de Zeus.

490 Mas haverá realmente um homem com o nome de Zeus nas margens do Nílo? Pois só há um, o que existe no céu.

E Esparta, onde fica essa terra senão apenas onde corre

o Eurotas cujas margens se cobrem de belos juncos?

E uma segunda pessoa tem o nome de Tíndaro?

495 Há outra terra com o mesmo nome de Lacedemônia e de Troia? Eu já nem sei que deva dizer.

De fato, muitas pessoas, ao que parece, em várias terras,

têm semelhantes nomes, e o de uma cidade igual ao de outra

e de uma mulher ao de outra. Não tenho, pois, de que me admirar.

500 E não vou bater em retirada devido à ameaça de uma serva. Pois não haverá homem algum tão bárbaro de espírito

que, ao escutar o meu nome, me não dê alimento.

Famoso é o incêndio de Troia, e fui eu quem o ateou,

eu, Menelau, de modo algum desconhecido em toda a terra.

505 Vou aguardar o senhor do palácio. Todavia duas

precauções tomarei: se for um homem cruel,

irei esconder-me junto dos destroços do meu naufrágio;

mas se se mostrar um homem brando, o apoio

que a minha desgraça presente reclama lhe pedirei.

A desgraça das desgraças nestes infortúnios

consiste em ter eu, que sou rei, de a outros soberanos



mendigar o pão. Mas a necessidade me constrange.  
Não é palavra minha, mas foi um sábio que disse:  
Nada existe mais forte do que a terrível necessidade.

*Menelau esconde-se atrás do túmulo de Proteu. O Coro sai do palácio e reentra na orquestra, verificando-se uma espécie de epílogo.*

CORO

Escutei a virgem profetisa

que apareceu nas mansões reais para revelar

que Menelau de modo algum

partiu para o sombrio

Erebo, oculto sob a terra,

mas ainda sobre as ondas marinhas

anda a penar, sem porto

colher para a terra pátria.

Em vida errante pela subsistência,

desgraçado, só e sem amigos,

ao solo de uma terra após outra

aporta com seu lenho marinho,

desde que deixou a terra de Troia.

*Helena sai do palácio e aproxima-se do túmulo de Proteu.*

HELENA

Eis que eu, mais uma vez, aos degraus deste túmulo

retorno, conhecedora da palavras amigas de Teónoe.

[Ela conhece a verdade sobre todas as coisas. E diz

que o meu marido vive ainda e vê a luz do dia,

que navega pelo mar em percursos sem conta,

aqui e ali, atormentado nas suas errâncias,

e que virá, quando chegar o fim dos seus sofrimentos.

Mas uma coisa não disse: se, ao chegar, é salvo.

E eu abster-me de interrogar com mais precisão,

feliz por me ter dito que ele estava salvo.

Declarou ainda que se encontra algures, perto desta terra,

515

520

525

530

535

540

ao escapar a um naufrágio com raros companheiros.  
Ah! Quando virás tu? Como estou desejosa de que venhas.

*Ao aproximar-se e ao rodear o túmulo, descobre a presença de Menelau. Assustada corre para o seu local de asilo.*

Eh lá! Quem é este homem? Não será uma cilada

congeminação pelo ímpio filho de Proteu?

Porque, qual rápida poldra ou bacante excitada pelo deus

não corro a agarrar-me a este túmulo? E que rude aspecto

tem este homem que me persegue para me apanhar.

MENELAU

Tu, que espantosa corrida levou a lançar-te

para os degraus do túmulo e locais dos sacrifícios,

tu, para. Por que foges? Ao deparar com a tua figura

o espanto me tomou e fiquei sem fala.

HELENA

Sou vítima de violência, mulheres. Sou arrastada

do túmulo por este homem que quer levar-me

para me entregar ao rei, de cujo casamento eu fujo.

MENELAU

Não sou ladrão nem servidor de malvados.

HELENA

Todavia o traje que tens em volta do corpo assusta.

MENELAU

Sustêm os teus passos ágeis e abandona o medo.

HELENA

*(Agarrando-se ao túmulo de Proteu)*

Detenho, porque alcancei este túmulo.

*Os dois ficam frente a frente.*



MENELAU  
HELENA  
Quem és? Que visão contemplo em ti, mulher?

HELENA  
E tu quem és? Pois também eu te dirijo idênticas palavras.

MENELAU  
Não, nunca vi figura tão semelhante.

HELENA  
Ó deuses! Pois é coisa de deuses reconhecer os amigos.

560

<MENELAU  
Es de raça grega ou és mulher indígena?>

HELENA  
Sou grega. Mas também quero saber qual a tua origem.

MENELAU  
A Helena te vejo tão exatamente parecida, mulher.

HELENA  
E eu em ti parecenças com Menelau. Nem sei que dizer.

MENELAU  
Pois acabas de reconhecer o mais infeliz dos homens.

565

HELENA  
Oh! Tão tarde vens aos braços da tua mulher.

MENELAU  
Qual mulher?! Não toques nas minhas vestes.

HELENA  
Sou a que te concedeu Tíndaro, meu pai.

40

MENELAU  
HELENA  
O fulgida Hécate, envia-nos espectros benévolos.  
570 Não é um espectro noturno ao serviço da deusa dos caminhos que vês.

MENELAU  
E eu não sou marido de duas mulheres.

HELENA  
E de quais outros enlaços és tu senhor?

MENELAU  
A que oculto numa gruta e recuperei dos frígios.

HELENA  
Não existe qualquer outra mulher que seja tua, além de mim.

MENELAU  
575 Acaso não estou bom do senso e a minha vista se turva?

HELENA  
Pois, ao olhar para mim, não julgas estar a ver a tua esposa?

MENELAU  
A semelhança em pessoa, mas a evidência me desvia.

HELENA  
Observa. Que prova de mais evidente fidelidade precisas?

MENELAU  
Tu és parecida. Isso não posso verdadeiramente negar.

HELENA  
580 E que outra coisa te informará melhor do que os teus olhos?

41



MENELAU  
Aí reside o mal: no fato de eu possuir outra mulher.

HELENA  
Eu não fui para a terra troiana, era uma imagem minha.

MENELAU  
E quem fabrica corpos assim dotados de vida?

HELENA  
O éter, de que a divindade fez a mulher que agora tens.

MENELAU  
Qual dos deuses a modelou? Pois dizes coisas inesperadas.

HELENA  
De Hera é esse duplo, para que Páris me não tomasse.

MENELAU  
Como assim? Como estar aqui e em Troia ao mesmo tempo?

HELENA  
O nome pode estar em muitos sítios, o corpo não.

MENELAU  
Deixa-me. Cheguei aqui com penas que sobejam.

HELENA  
Pois vais abandonar-me e levar o vazio para o leito?

MENELAU  
Adeus e saúde para ti, tão semelhante a Helena que és.

HELENA  
Estou perdida. Ao recuperar-te como marido, não te terei.

MENELAU  
Convence-me o volume de males sofridos em Troia, mas tu não.

HELENA  
Infeliz que eu sou!

595  
Que mulher existe mais desgraçada do que eu?  
As pessoas mais queridas deixam-me e não voltarei a ver  
alguma vez gregos nem a minha terra pátria.

*Entra um mensageiro que é um velho  
soldado e servo de Menelau  
que ficara de guarda a Helena.*

SERVO  
Menelau, com esforçada busca, a custo te alcanço,  
depois de ter andado errante por toda esta terra bárbara,  
enviado pelos teus companheiros sobreviventes.

600  
MENELAU  
E que se passa? Não fostes acaso saqueados pelos bárbaros?

SERVO  
Um prodígio, que é nome fraco para o que aconteceu.

MENELAU  
Fala. Deves trazer notícia grave para tanto açodamento?

SERVO  
Digo-te que tuas inúmeras fadigas sofreste em vão.

MENELAU  
Estás a lamentar penas antigas. E que anuncias agora?



SERVO

Evolou-se a tua mulher nas regiões etéreas,  
elevando-se invisível. Ocultou-se no céu,  
deixando a sagrada gruta, onde a tínhamos a salvo  
e dizendo o seguinte: "Ó desventurados frígios  
e todos vós, aqueus, que por mim, junto do Escamandro,  
nas suas margens, perecesteis devido às maquinações de Hera,  
convencidos de que Páris possuía Helena, o que não acontecia.  
Mas eu, uma vez que na terra permaneci o tempo necessário,  
a cumprir o destino fixado, para o céu, meu pai,  
regresso. E a infeliz filha de Tíndaro uma fãma  
funesta suportou, sem ter culpa de nada.

*Apercebe-se, admirado, da presença de Helena.*

Oh! Eu te saúdo, filha de Leda. Afinal estavas aqui.  
E eu que a tua ascensão às profundidades das estrelas  
estava a anunciar, sem saber que, dotada de asas,  
transportas o teu corpo. Não permitirei que zombes  
de nós segunda vez, já que em Ílion suficientes  
sofrimentos ocasionaste ao teu marido e aos aliados."

MENELAU

O fato é pois verdadeiro. As palavras confirmam-me  
que as dela são verdadeiras. O dia desejado,  
que me concede tomar-te em meus braços!

HELENA

Ó mais querido dos homens, Menelau! Longa foi  
a ausência, mas a alegria está de volta.  
Que felicidade, amigas, recuperar o meu marido  
e cingi-lo com amorosos braços, decorridos  
que são tantos sóis.

MENELAU  
E eu a ti. E tantas coisas tenho a dizer-te  
que agora, sem obstáculos, nem sei por onde começar.

HELENA  
Toma-me a alegria, na cabeça eriçam-se  
os meus cabelos, caem-me as lágrimas  
e abraço o teu corpo, esposo meu,  
para recuperar a alegria.

MENELAU  
Ó visão tão querida! Não me posso lamentar.  
Pois possuo a filha de Zeus e de Leda.

HELENA  
Aqueela a quem, à luz dos archotes,  
os meus jovens irmãos de alvos corcéis<sup>1</sup>  
exaltaram e encheram de felicidade...

MENELAU  
Outrora afastou-te um deus do meu palácio  
e te conduziu para outra  
missão mais sublime.

HELENA  
Afortunado infortúnio nos uniu, a mim e a ti, esposo meu,  
decorrido muito tempo. Oxalá gozemos a sorte.

MENELAU  
Assim seja. Eu partilho esses teus votos.  
É que dos dois não pode um ser desgraçado e outro não.

<sup>1</sup> Os Dioscuros, Castor e Pólux, irmãos de Helena.



HELENA  
Amigas, minhas amigas,  
já não lamento nem gerho os males anteriores.  
Tenho, tenho comigo o meu marido que esperava,  
há tantos anos esperava que viesse de Troia.

MENELAU  
Tens-me e eu tenho-te a ti. E, passados muitos sóis,  
pude por fim compreender o dolo da deusa.

HELENA  
Que contentamento o meu! As minhas lágrimas são de alegria,  
são mais de prazer do que de tristeza.

MENELAU  
Que dizes?! Quem dos mortais esperaria tais coisas?

HELENA  
Inesperadamente te aperto contra o peito.

MENELAU  
E eu a ti, que julgava teres ido para a cidade do Ida  
e para as inúteis torres de Ilion.  
Pelos deuses, como te arrebataram do meu palácio?

HELENA  
Ai! Ai! A que dolorosos começos remontas.  
Ai! Ai! Doloroso é o relato que pedes.

MENELAU  
Fala para que eu o escute. Tudo é dádiva dos deuses.

HELENA  
Horroriza-me a história que vou contar.

660

655

650

MENELAU  
Conta, apesar de tudo. É doce ouvir falar de males passados.

HELENA  
Não foi para o jovem leito de um bárbaro  
que me levaram os rápidos remos, nem o alado desejo  
de casamento injusto...

MENELAU  
Que divindade ou fado te arrebatou da pátria?

HELENA  
O filho de Zeus, querido esposo, de Zeus e de Maia,  
me levou até ao Nilo.

MENELAU  
Prodigioso! E a mando de quem? Que estranha história a tua!

HELENA  
Não contenho o pranto e os meus olhos umedecem-se  
de lágrimas. Foi a esposa de Zeus quem causou a minha ruína.

MENELAU  
Hera?! Que necessidade tinha ela em fazer-nos mal?

HELENA  
Terríveis para mim foram os banhos e as fontes  
em que as deusas lavaram o corpo, já que  
deu origem ao julgamento.

MENELAU  
E foi devido ao julgamento que Hera te causou esses males?

HELENA  
Para defraudar Paris...

680

675

670

665



HELENA  
Amigas, minhas amigas,  
já não lamento nem gemo os males anteriores.  
Tenho, tenho comigo o meu marido que esperava,  
há tantos anos esperava que viesse de Troia.  
MENELAU  
Tens-me e eu tenho-te a ti. E, passados muitos sóis,  
pude por fim compreender o dolo da deusa.  
HELENA  
Que contentamento o meu! As minhas lágrimas são de alegria,  
são mais de prazer do que de tristeza.  
MENELAU  
Que dizes?! Quem dos mortais esperaria tais coisas?  
HELENA  
Inesperadamente te aperto contra o peito.  
MENELAU  
E eu a ti, que julgava teres ido para a cidade do Ida  
e para as inúteis torres de Ilion.  
Pelos deuses, como te arrebataram do meu palácio?  
HELENA  
Ai! Ai! A que dolorosos começos remontas.  
Ai! Ai! Doloroso é o relato que pedes.  
MENELAU  
Fala para que eu o escute. Tudo é dádiva dos deuses.  
HELENA  
Horroriza-me a história que vou contar.

660

655

650

MENELAU  
Conta, apesar de tudo. É doce ouvir falar de males passados.  
HELENA  
Não foi para o jovem leito de um bárbaro  
que me levaram os rápidos remos, nem o alado desejo  
de casamento injusto...  
MENELAU  
Que divindade ou fado te arrebatou da pátria?  
HELENA  
O filho de Zeus, querido esposo, de Zeus e de Maia,  
me levou até ao Nilo.  
MENELAU  
Prodigioso! E a mando de quem? Que estranha história a tua!  
HELENA  
Não contenho o pranto e os meus olhos unedecem-se  
de lágrimas. Foi a esposa de Zeus quem causou a minha ruína.  
MENELAU  
Hera?! Que necessidade tinha ela em fazer-nos mal?  
HELENA  
Terríveis para mim foram os banhos e as fontes  
em que as deusas lavaram o corpo, já que  
deu origem ao julgamento.  
MENELAU  
E foi devido ao julgamento que Hera te causou esses males?  
HELENA  
Para defraudar Páris...



HELENA  
Mas essa foi também a causa da minha perdição e a de milhares  
de danos armados de bronze.  
E a mim, desventurada e maldita, um deus  
me arrancou da pátria, da cidade e de ti,  
no dia em que deixei o teu palácio e o teu leito, mas não a troco  
de desonrosa união.

CORO  
Se no futuro vos couber uma sorte ditosa,  
isso vos compensará das desgraças anteriores.

SERVIDOR  
Menelau, faz-me também participante da felicidade  
que eu próprio estou a ver, mas de que não tenho  
exato conhecimento.

MENELAU  
Mas vem também tu, ó ancião, tomar parte nesta conversa.

SERVIDOR  
Não foi esta a causadora dos sofrimentos em Ilion?

MENELAU  
Não foi ela. Fomos enganados pelos deuses  
[e tivemos entre mãos uma reles imagem feita de névoa.]

SERVIDOR  
[Que dizes?!]  
Por uma simples nuvem tantos sofrimentos suportamos?

MENELAU  
Foi obra de Hera e fruto da discórdia das três deusas.

MENELAU  
Como?! Explica-te.

HELENA  
... A ele Cípris me havia prometido.

MENELAU  
Ó desventurada!

HELENA  
Desventurada, desventurada, sim! Por isso ela me mandou para o Egito.

MENELAU  
E então, em troca deu-lhe o teu fantasma, como te ouvi dizer.

HELENA  
E em teus palácios, mãe, foram sofrimentos atrás de sofrimentos.

Ai de mim!

MENELAU  
Que dizes?!  
HELENA

Já não vive a minha mãe. Estrangulou-se com um laço,  
por causa da vergonha do meu adultério.

MENELAU

Ai de mim! E a nossa filha Hermíone está viva?

HELENA

Sem marido, sem filhos, lamenta sem cessar,  
ó meu esposo, a minha união sem núpcias.

MENELAU

Ah! Páris que destruíste de cima a baixo toda a minha casa.



SERVIDOR

O quê? Esta é na verdade a tua mulher?

MENELAU

Em pessoa. Podes confiar nas minhas palavras.

SERVIDOR

Ó filha, como a divindade é inconstante

e difícil de entender. E como facilmente transforma tudo,

levando-o daqui para ali. Um homem sofre,

outro, embora comece por não sofrer, morre depois miseravelmente,

sem nunca ter uma sorte estável na vida.

Tu e o teu marido tendes suportado muitos sofrimentos:

tu devido às calúnias e ele na refrega do combate.

Apesar do esforço, nada obtive de quanto procurava; mas agora

esse bem veio-lhe por si, conseguindo a maior felicidade.

Não desonraste pois o teu velho pai nem os Dioscuros,

nada fizeste do que te atribuem.

Rememoro agora de novo o teu himeneu

e recordo as tochas que eu levava correndo ao lado do teu carro,

puxado por quatro cavalos. E tu, sentada no carro,

ao lado de Menelau aqui presente, recém-casada, abandonaste

[o teu lar feliz.

Mau servo será o que não respeita os assuntos do senhor,

participando das suas alegrias e comungando das suas desgraças.

[Quanto a mim, embora seja escravo de nascimento,

possa eu ser contado entre os escravos

bem nascidos; se não sou livre no nome,

sou-o de espírito. E melhor isso do que dupla desgraça

numa só pessoa: ter um mau coração

e ser chamado escravo pelos que nos rodeiam.]

MENELAU

Vá, anciação, tu que junto ao escudo muitos

sofrimentos suportaste por mim,

710

715

720

725

730

735

toma agora também parte na minha felicidade

e vai anunciar aos restantes companheiros

como nos encontraste e como a sorte nos bafeja.

Diz-lhes que esperem na costa, atentos

aos combates que nos aguardam, como creio,

e que, se acaso conseguirmos tirar Helena desta terra,

estejam prestes para seguir um mesmo destino

e escapar, se pudermos, destes bárbaros.

SERVIDOR

Assim se farão as coisas, ó rei. Mas agora vejo como a arte

dos adivinhos é falsa e cheia de mentiras.

[Nada há de verdadeiro na chama que arde,

nem nas vozes dos seres alados. É ingenuidade

pensar que as aves sirvam de ajuda aos mortais.]

Pois Calcas nada disse nem comunicou ao exército,

ele que, por uma nuvem, via morrerem os companheiros.

Também Heleeno o não fez, e a cidade foi destruída em vão.

[Poder-se-á dizer que um deus assim o quis.

Que interessa então consultar os oráculos? Aos deuses convém

sacrificar, implorando os seus benefícios, e deixarmos-nos de profecias.

São pura invenção a servir de isca à existência

e ninguém, sem trabalhar, enriqueceu com as chamas dos sacrificios.

A razão e a prudência são a melhor profecia.]

*O Servidor sai.*

CORO

Sobre isso, também eu defendo, a respeito dos adivinhos,

opinião idêntica à do anciação. Quem tiver os deuses

como amigos possuirá em casa a melhor arte divinatória.

HELENA

Pois seja! As coisas correm bem, pelo menos até agora.

Mas como te salvaste, ó infeliz, depois de Troia?



Não é a ganância que me move a saber, mas quem ama  
deseja ouvir as desgraças relativas aos amigos.

MENELAU

Muito me perguntas numa só palavra e de uma só vez.  
Para que falar-te do desastre no Egeu,

dos fogos na Eubeia, ateados por Náuplio<sup>1</sup>,

das cidades de Creta e da Líbia que tenho percorrido

e da Torre de Persen? Não te satisfariam

as minhas palavras e, ao contar-te os meus males, sofreria,

[revivendo padecimentos; experimentávamos assim duplo fardo.]

HELENA

E falaste melhor do que eu, ao interrogar-te.

Diz-me então mais uma coisa, esquecendo o resto. Quanto tempo

sobre o dorso do mar vogaste à mercê das vagas?

MENELAU

Depois de dez anos passados em Troia,

já vivi nos navios sete giros do ano.

HELENA

Ai! Ai! Largo tempo foi o que apontaste, ó infeliz!

E ao salvars-te desses perigos, chegas aqui para a degola.

MENELAU

Como?! De que falas? Tu matas-me, mulher!

HELENA

[Foge o mais depressa que puderes e afasta-te desta terra.]

Receberás a morte do homem que vive neste palácio.

<sup>1</sup> Náuplio, para se vingar da morte do filho Palamedes, por lapidação, cometida pelos aqueus em Troia, acendeu no Promontório Cafareu archotes a atrair os navios gregos que se despedaçaram contra os rochedos da falésia.

MENELAU  
Que fiz eu para merecer tal desgraça?

HELENA

A tua inesperada chegada é um obstáculo às minhas núpcias.

MENELAU

Então quer alguém casar-se com a minha mulher?

HELENA

Tem sido insolente comigo e eu tenho de o suportar.

MENELAU

Trata-se de um particular ou do soberano da terra?

HELENA

O que governa este país, o filho de Proteu.

MENELAU

É este então o enigma que ouvi da porteira.

HELENA

A que barbaras portas te dirigiste?

MENELAU

790 A estas, de onde fui expulso como um mendigo.

HELENA

Não mendigavas tu pão? Oh! que desgraçada eu sou!

MENELAU

Era essa a minha tarefa, mas não lhe dava esse nome.

HELENA

Então deves saber de tudo, suponho, sobre as minhas núpcias.



MENELAU  
Sei. Mas, se evitaste as relações, disso não tenho certeza.

HELENA  
Sabe que conservo intacto o leito para ti.

MENELAU  
Como posso estar certo disso? Gratas palavras, se dizes a verdade.

HELENA  
Vês o meu triste pouso neste túmulo?

MENELAU  
Vejo um grabato de folhas, infeliz. Mas que tem ele a ver contigo?

HELENA  
Para aqui venho eu, suplicante, fugindo dessa união.

MENELAU  
Por falta de um altar ou de acordo com costumes bárbaros?

HELENA  
Tem-me protegido este túmulo, como os templos dos deuses.

MENELAU  
Não me é então permitido levar-te para nossa casa?

HELENA  
A espada te espera de preferência ao meu leito.

MENELAU  
Então seria o mais desgraçado dos homens.

HELENA  
Agora não tenhas vergonha e foge desta terra.

795

800

805

MENELAU  
Abandonando-te? Destruí Troia por tua causa...

HELENA  
Pois é melhor isso do que morrer por amor de mim.

MENELAU  
Pedes uma cobardia indigna do conquistador de Ilion.

HELENA  
Não conseguirias matar o rei, tarefa igualmente impossível.

MENELAU  
Mas ele não tem um corpo assim tão invulnerável ao ferro!

HELENA  
Já o saberas. Ousar o impossível não é de homem sábio.

MENELAU  
Vou apresentar então em silêncio as mãos para que mas atem?

HELENA  
Estás em situação sem saída. Deves usar de engenho.

MENELAU  
Pois é melhor morrer agindo do que nada fazer.

HELENA  
815 Existe apenas uma esperança, uma só, de nos salvarmos.

MENELAU  
O suborno, a audácia, ou a eloquência?

HELENA  
Que o rei não venha a saber da tua chegada.



MENELAU  
Não sabe quem eu sou. Quem o vai informar?

HELENA  
Tem lá dentro uma aliada igual aos deuses.

MENELAU  
Tem alguma voz profética no mais íntimo da casa?

HELENA  
Não, mas a irmã. Chamam-lhe Teónoe.

MENELAU  
Nome profético na verdade. Diz-me, o que faz ela?

HELENA  
Sabe tudo e informará o irmão da tua presença.

MENELAU  
Vamos morrer então, pois não é possível ocultar-me.

HELENA  
Talvez a possamos persuadir, suplicando-lhe...

MENELAU  
A fazer o quê? A que esperança me guias?

HELENA  
Que não revele ao irmão a tua presença no país.

MENELAU  
E se a persuadissemos, poderíamos escapar desta terra?

HELENA  
Com a colaboração dela, facilmente; nas suas costas, de modo algum.

MENELAU  
830 Essa é tarefa tua, pois as mulheres compreendem-se umas às outras.

HELENA  
Pois não deixarão os seus joelhos de serem tocados pelas minhas mãos.

MENELAU  
Vai! E se ela não atender às nossas palavras?

HELENA  
Morrerás. E eu, desditosa, terei de casar à força.

MENELAU  
Serias traidora. Tomas a violência apenas por desculpa.

HELENA  
835 Mas pela tua cabeça te juro com sagrado juramento...

MENELAU  
Que dizes? Morrerás? Jamais trocarás de leito?

HELENA  
Morrei com a tua própria espada; e caírei a teu lado.

MENELAU  
Para esse juramento toma então a minha mão direita.

HELENA  
Toco-a e juro: morrendo tu, deixarei a luz da vida.

MENELAU  
840 E eu, se te perder, deixarei a vida.

HELENA  
Mas como proceder para morremos também com glória?



MENELAU  
Matar-te-ei sobre este túmulo e suicido-me de seguida.

Antes, porém, emprenderei um grande combate pelas tuas núpcias. Quem quiser que se aproxime. Não desonrarei a glória adquirida em Troia nem volto à Hélade para aí colher sobejas censuras, eu que privei Tétis de Aquiles,

contemplei a morte de Ajax, filho de Télamon e deixei sem filhos o neíida. E não vou eu

considerar justo morrer pela minha mulher? E evidente que sim. Pois, se os deuses são sábios, ao homem valente que morre em combate,

cobrem com uma leve camada de terra no túmulo, mas os cobardes lançam-nos sob pesados túmulos de terra.

CORO

Ó deuses, que possa um dia ser feliz a linhagem de Tântalo e liberta de infortúnios.

HELENA

*Aproxima-se da porta do palácio.*

Que desdita a minha! Tal é a sorte que tenho.

Menelau, chegou o momento de agir: está a sair do palácio a profetisa Teónoe. Range a fechadura

que se abre. Foge. Mas fugir para quê?

Estejas ausente ou presente, ela sabe da tua chegada aqui. Desgraçada de mim! Estou perdida!

Salvo de Troia e de uma terra bárbara, vieste cair de novo sob espadas bárbaras.

*Teónoe sai do palácio, acompanhada de um séquito.*

TEÓNOE

865 Segue tu na minha frente com o fulgor das tochas e faz mover — rito sagrado — os recessos do éter para que possamos receber o ar puro do céu.

870 E tu, se alguém manchou o caminho, tocando-o com pés ímpios, derrama sobre ele fogo purificador e brande na frente a tocha de pinho, para eu passar.

Depois de prestar aos deuses este culto prescrito por mim, conduzi ao palácio a chama do lar.

Helena, que te parecem os meus oráculos?

875 Tens diante dos olhos o teu marido Menelau que aqui chegou privado de navios e da tua imagem.

Desventurado! Quantas penas evitaste para aqui chegar e nem sabes se regressas a casa ou se vais permanecer aqui.

Na verdade, a discórdia reina entre os deuses e uma assembleia, reunida por Zeus, está a decidir a teu respeito neste dia.

880 Hera, que outrora te era hostil,

é-te agora favorável e quer que regresesses salvo à pátria, na companhia desta mulher, a fim de que a Hélade saiba

que as bodas de Alexandre, dádiva de Cípris, não passaram de mentira. Mas Cípris quer impedir o teu regresso,

885 para que não seja descoberta nem fique demonstrado que obtive [o prémio

de beleza devido às ilusórias núpcias de Helena. O desenlace depende de nós, quer fazendo o que deseja Cípris

— dizer a meu irmão que estás aqui e perder-te —, quer então, de acordo com Hera, salvar a tua vida,

890 ocultando-o do meu irmão que me deu ordens para o informar da tua casual chegada a esta terra.

[Quem deseja ir anunciar ao meu irmão a tua presença, para salvaguarda da minha segurança.]

HELENA

895 Ó donzela, suplicante caio a teus pés e sento-me num lugar nada feliz,



pedindo por mim própria e por ele, a quem acabo de encontrar  
e estou prestes a vê-lo no limiar da morte.  
Não denuncies o meu marido ao teu irmão,  
o meu marido muito amado que chegou aos meus braços.  
Salva-o, peço-te. Ao teu irmão  
não sacrificques nunca a tua piedade,  
comprando desse modo uma gratidão perversa e injusta.  
Ora a divindade detesta a violência e ordena  
a todos que os bens não sejam adquiridos pela rapina.  
[É conveniente renunciar à riqueza injusta.  
Pois o céu é um bem comum para todos os mortais,  
bem como a terra, na qual não devemos encher as casas  
com os bens alheios nem adquirir nada à força.]  
Felizmente para nós, mas uma desgraça para mim, entregou-me  
Hermes ao teu pai, a fim de me conservar para o meu marido,  
que está aqui presente e quer recuperar-me.  
[Como me retomaria, se morresse? E como é que ele  
me poderia devolver viva a quem morreu?  
Agora examina a vontade do deus e a do teu pai.]  
A divindade e vosso pai, morto,  
quereriam ou não devolver um bem alheio?  
Penso que sim. E tu não deves estimar mais  
um irmão insolente do que um pai virtuoso.  
Se, como profetisa e crente nas vontade dos deuses,  
traíres a justiça do teu pai  
e concederes o teu favor a um irmão injusto,  
seria uma vergonha que, conhecendo tu todas as coisas divinas,  
no presente e no futuro, não preferisses o que é justo.  
Salva esta desditosa, rodeada de infortúnios,  
e concede-me um pouco de justiça como coisa acessória.  
A Helena nada há entre os mortais que a não deteste.  
Tenho fama na Hélade de ter traído o meu  
marido para ir habitar palácios frígios ricos em ouro.  
Mas, se regressar à Hélade e voltar de novo a Esparta,  
ouvindo eles e vendo que foi por artes dos deuses

900  
905  
910  
915  
920  
925  
930

que pereceram e que eu nunca traí os meus,  
então me devolverão de novo o bom nome  
e conseguirei casar a minha filha que ninguém deseja desposar.  
Além disso, deixando o triste desterro de agora,  
gozarei das riquezas que abundam no meu palácio.  
Se Menelau tivesse morrido consumido pelo fogo,  
contentar-me-ia com derramar lágrimas à distância por um ausente,  
mas agora, que o recuperei são e salvo, vou ver-me privada dele?  
Não faças isso, donzela, suplico-te.  
Concede-me esta graça e imita o caráter  
justo do teu pai; pois para os filhos a glória  
mais bela, quando renasce de pai honrado,  
reside em transmitir aos seus descendentes as mesmas qualidades.

935  
940  
945

CORO  
Dignas de compaixão são as tuas presentes palavras,  
digna de piedade és tu também. Mas de Menelau desejo  
ouvir os argumentos em defesa da sua vida.

950

MENELAU  
Quanto a mim, não suportaria arrojá-lo aos teus joelhos  
nem unedecer os olhos de lágrimas, pois, se me mostrasse fraco,  
desmentiria em grande parte os feitos de Troia.  
Dizem, é certo, que é próprio de um homem de nobre coração  
verter lágrimas nas adversidades.  
Mas, em vez dessa beleza do pranto, se é que isso é belo,  
eu prefiro a fortaleza de alma.  
Mas, se te parece bem salvar um estrangeiro  
que vem receber com todo o direito a sua mulher,  
entrega-ma e salva-me. Se te não parece bem,  
não seria a primeira vez, mas a centésima, que me tornaria  
um desafortunado, enquanto tu serias mulher malvada.  
Mas o que considero digno de mim e justo,  
e sobretudo capaz de tocar o teu coração,  
vou dizer-to, abraçando o túmulo do teu pai:

955  
960



Ó ancião que habitas este sepulcro de pedra,  
devolve-me, peço-te, a minha mulher  
que Zeus te enviou para aqui para ma conservares.

Eu sei que, devido à tua morte, nunca conseguirás devolver-ma,  
mas esta tua filha, no momento em que do mundo inferior evoco

[o seu pai,

não permitirá que o teu nome, até agora tão ilustre,  
fique difamado: ela é soberana agora.

Ó Hades subterrâneo, também te invoco como aliado,  
tu que, por causa desta mulher, recebeste tantos corpos  
caídos sob a minha espada e obtiveste a tua paga.

Restitui-os agora de novo todos à vida,  
ou obriga a profetisa a ultrapassar o pai  
em piedade e a entregar a minha mulher.

Mas se ma arrebatais,  
dir-te-ei o que ela omitiu nas suas palavras.

Estou ligado por juramento, ficas a saber, donzela,  
a desafiar primeiro o teu irmão para um duelo,  
e um de nós, ele ou eu, deve morrer. A questão é simples.

Mas, se ele se nega ao combate corpo a corpo  
e tenta capturar-nos aos dois, suplicantes junto ao túmulo,  
resolvi matar Helena e em seguida cravar

no meu fígado esta espada de duplo gume,  
sobre este mesmo túmulo, para que rios de sangue  
jorrem na sua superfície. E jazeremos

mortos os dois, lado a lado, sobre este sepulcro polido,  
sofrimento eterno para ti e desonra para teu pai.

Por isso não a desposará o teu irmão,  
nem ele nem nenhum outro; mas sou eu quem a levará,  
se não puder ser para o meu palácio, ao menos para o reino dos mortos.

[Que é isto? Derramando-me em lágrimas como as mulheres,  
eu provocaria mais a piedade do que mostrando-me enérgico.  
Mata-nos, se te parece, pois não nos matarás sem glória.

Mas é preferível deixar-te persuadir pelas minhas palavras.  
Desse modo tu serás justa e eu recupero a minha mulher.]

CORO  
De ti depende, donzela, outorgar o prémio às suas palavras.  
Decide dessa forma, que agradarás a todos.

#### TEÓNOE

Eu nasci para ser piedosa e tenho intenção de o ser.  
Estimo a minha honra e a glória de meu pai  
não desejaria manchar. A meu irmão não devo

fazer um favor que me vai revelar como uma infame.  
Em mim existe um augusto santuário da Justiça,  
e desde nascença. De Nereu recebi esse dom  
que me leva a tentar salvar-te, Menelau.

E com Hera, já que ela deseja ser-te favorável,  
juntarei o meu voto ao seu. E quanto a Cípris,  
que ela me seja benévola; com ela jamais concordarei.  
[Desejo para sempre manter a minha virgindade.]

A objugação que lançaste diante do túmulo de meu pai  
é a minha própria palavra. Cometeria injustiça,  
se te não devolvesse a tua mulher. Se ainda fosse vivo,  
também meu pai ta restituiria, e a ti te entregaria a ela.  
Há castigos destes quer entre os mortos,

quer em cima para todos os homens. O espírito  
dos mortos já não vive, guarda a consciência  
imortal para se lançar no imortal éter.

Como não quero alongar as palavras, silenciarei  
o que me suplicaram e na sua loucura  
não vou ser alguma vez cúmplice de meu irmão.

Pois contribuo para o seu bem, apesar da aparência,  
desviando-o quanto eu o faço da impiedade.  
A vós agora pertence descobrir um caminho,  
que eu manter-me-ei afastada e em silêncio.

Começai pelos deuses e endereçai uma súplica  
a Cípris para que te deixe regressar à terra pátria  
e à benevolência de Hera, para que mantenha o propósito  
que tem de vos salvar, a ti e ao teu marido.



E tu, meu pai que a morte levou, tanto quanto eu puder,  
não terás nunca a fama de ímpio, em vez de piedoso.

*Teónoe entra no palácio, acompanhada pelo seu séquito.*

CORO

Nenhum homem injusto gozou alguma vez de felicidade,  
e no justo se encontra a esperança de salvação.

1030

HELENA

Menelau, pelo lado desta donzela estamos a salvo.  
Deves agora dirigir as tuas palavras para um objetivo único:  
estabelecer um estratagema comum para nos salvarmos.

MENELAU

Escuta então. Há muito tempo estás nestes aposentos  
e vives na companhia dos servidores do rei.

1035

HELENA

Por que dizes isso? Pois ofereces-me a esperança  
de estares a dizer algo útil para os dois em conjunto.

MENELAU

Conseguirias convencer um dos que as quadrigas  
conduzem a conceder-nos um dos seus carros?

1040

HELENA

Conseguiria. Mas como empreenderíamos a fuga,  
através da planície e da terra dos bárbaros?

MENELAU

Dizes o impossível. Vá, e se eu me escondesse no palácio  
e matasse o rei com esta espada aguda.

HELENA

1045 Ela não suportaria nem ficaria em silêncio,  
ante a tua intenção de assassinar o irmão.

MENELAU

Por outro lado não temos barco com que nos salvemos,  
Fugindo, já que o mar possui o que tínhamos.

HELENA

1050 Escuta um sábio conselho, mesmo que o diga uma mulher.  
Aceitarias que, por palavras, declare a tua morte, mesmo sem ter morrido?

MENELAU

É mau presságio. Mas, se aproveito, fala.  
Estou pronto, não estando morto, a morrer nas palavras.

HELENA

Também te lamentaria, como fazem as mulheres,  
com o cortar de cabelo e com trenos diante do ímpio.

MENELAU

1055 E de que modo isso constitui meio de salvação para os dois?  
Porque muito velha se apresenta já essa história.

HELENA

Por considerar que morreste no mar, para num cenotáfio  
te prestar honras pedirei ao soberano desta terra.

MENELAU

1060 E se to conceder, como ainda sem um navio pode advir  
a salvação do prestar honras a um cenotáfio vazio do meu corpo?

HELENA

Pedirei que me conceda uma embarcação, na qual lançarei  
o ornamento para a tua sepultura nos braços do mar.



MENELAU  
Com acerto falas, salvo num ponto. E se em terra firme te ordenar  
que me faças os funerais, não levará a nada a tua astúcia.

HELENA  
Mas direi que na Hélade não é costume  
esconder na terra firme os que morrem no mar.

MENELAU  
Bem congeminado outra vez. E em seguida eu embarcarei contigo  
e levarei os presentes fúnebres nessa embarcação.

HELENA  
E tu deves estar pronto, evidentemente, tu e os teus  
marinheiros, os que escaparam do naufrágio.

MENELAU  
E se acaso eu conseguir uma nau ancorada,  
os meus homens, em fila, esperarão de espada em punho.

HELENA  
Incumbe-te cuidar por tudo, apenas soprem nas velas  
ventos propícios que nos levem a lugares favoráveis.

MENELAU  
Assim será, pois as divindades farão cessar as minhas penas.  
E por quem serás tu informada de que eu estou morto?

HELENA  
Por ti. E vais contar ter sido o único a escapar ao destino,  
que navegavas com o filho de Atreu e que o viste morrer.

MENELAU  
E na verdade estes farrapos que me envolvem o corpo  
são tua testemunha dos restos do naufrágio.

1080

1070

1075

1065

HELENA  
Vem a propósito, embora tivesse sido um desastre importuno.  
Mas essa desgraça pode terminar agora em felicidade.

MENELAU  
Acaso devo eu entrar contigo no palácio  
ou permanecer sossegado junto deste túmulo?

HELENA  
Junto do túmulo. Pois se o rei te quiser fazer algum mal,  
Pode salvar-te este túmulo e a tua espada.

Eu entro no palácio para aí cortar os cabelos  
e vou mudar os meus peplos brancos em negros  
e cravar na pele da face as unhas sangrentas.

Pois grande é a disputa e vejo duas alternativas:  
devo morrer, se sou colhida a maquinar,  
ou regresso à pátria e salvo a tua pessoa.

1095  
O angusta deusa, que te reclina nos leitos de Zeus,  
Hera, alivia das penas dois desgraçados mortais,  
nós te pedimos, erguendo as mãos estendidas ao céu,  
onde tu resides entre o ornamento das estrelas.

1100  
E tu que ganhaste o prêmio da beleza graças às minhas núpcias,  
Cípris, filha de Dione, não queiras a minha ruína.  
Abundantes sofrimentos me enviaste no passado,  
entregando o meu nome, não a minha pessoa, aos bárbaros.

1105  
Permite que eu morra, se a morte desejas causar-me,  
na terra pátria. Porque és insaciável de males,  
tu que em enganos amorosos, em dolosas artimanhas  
exercitas, e em sangrentos filtros que artuínas as pessoas?  
E se fosses mais moderada, a mais amável das divindades  
serias para os homens. E não o digo sem razão.

*Helena entra no palácio. Menelau fica só em cena com o Coro e  
vai acocorar-se atrás do túmulo de Proteu.*



CORO  
 O tu que nos vales de copados bosques  
 teu local de canto e teu pouso  
 estabeleces, eu te invoco,  
 a ti, a mais canora  
 das aves, melodioso  
 rouxinol, de voz chorosa;  
 vem, e que os trínados de teu bico dourado  
 acompanhem os meus lamentos:  
 os míseros sofrimentos de Helena  
 eu canto, das mulheres de Ilion  
 o fado gerador de lágrimas,  
 causadas pelas lanças dos aqueus,  
 quando Páris cruzou o marulhante mar cinzento em remo bárbaro  
 e conduziu, conduziu à casa dos priamidas a desgraça,  
 ida de Lacedemônia, a desgraça do teu leite,  
 Helena — Páris, funesto amante,  
 com escolta de Afrodite.  
 Muitos dos aqueus  
 devido aos golpes das lanças  
 e ao arremesso de pedras perderam a vida  
 e habitam a tristeza do Hades;  
 as infelizes esposas  
 cortam o cabelo  
 e as casas permanecem vazias.  
 E muitos outros, acendendo sinais luminosos de grandes fogueiras,  
 na Eubeia rodeada de mar, muitos aqueus  
 destruiu um só remador, às rochas  
 Cafareias os atraindo  
 e às Ageias escarpas marítimas,  
 com o brilho de estrela dolosa.  
 E inospitaleiros foram os funestos montes e o ornamento do bárbaro  
 então arrasta para longe da pátria, devido ao sopro das tempestades,  
 o presente, que não é presente mas disputa,

1030

1130

1125

1020

1120

1115

1110

Estrofe 1

1135 que Menelau trazia nos navios,  
 o sagrado ídolo de Hera.  
 O que é deus? O que não é deus?  
 Ou o que está no meio?  
 Estrofe 2  
 Quem dentre os mortais o afirma saber pelas suas inquirições?  
 Encontra a mais elevada via o que vê os assuntos divinos  
 caminhar por aqui, por ali e de novo em variadas  
 sortes seguirem, inesperadas.  
 Tu, Helena, és filha de Zeus;  
 de fato, tomando a forma de ave, no seio  
 de Leda te gerou o teu pai.  
 E em seguida foste proclamada, na terra helénica,  
 uma mulher traidora, infiel, sem justiça e ímpia. Não tenho  
 + como obter a certeza de que alguma vez entre os mortais  
 a palavra dos deuses me apareça verdadeira. +  
 Insensatos de vós, quantos na guerra buscais  
 Antístrofe 2  
 glória, e nas lanças robustas,  
 nelas julgando encontrar, em vossa ignorância,  
 o remédio para os males dos mortais.  
 Se é o combate sangrento a decidir, nunca a discórdia  
 se ausentará das cidades dos homens.  
 + Foi ela que deixou tálamos na terra de Priamo, +  
 quando era possível resolver pela palavra  
 a tua disputa, Helena.  
 Mas agora os seus filhos ocupam os recessos do Hades,  
 e as muralhas ruíram em chamas, qual precipitar de raio de Zeus.  
 E tu suportas dores sobre dores,  
 + num suceder de funestos lamentos. +  
 Vindo da caga, entra Teoclimeno, acompanhado  
 pelos seus guardas, e avança para a boca de cena,  
 sem se aperceber que Helena se não encontra  
 refugiada no túmulo.



TEOCLÍMENO

Eu te saúdo, tumulto de meu pai. À minha porta

preferi enterrar-te, Proteu, para a minha saudação:

sempre que sai e sempre que entra em casa,

Teoclímene, este teu filho, te dirige a palavra, pai.

*Manda aos servos que levem os cães e os apetrechos de caça para o palácio.*

1165

1170

E vós os cães e os laços para as feras

levai, servos meus, para os palácios reais.

Eu, pela minha parte, já me censurei muitas vezes,

por ainda não ter castigado com a morte os malfeitores.

Acabo agora de saber que um heleno foi visto,

chegado a esta terra, depois de evitar os meus vigilantes.

1175

Helena. Mas ele morrerá, desde que seja descoberto.

*Apercebe-se de que Helena não se encontra no seu lugar habitual no tumulto.*

1180

Mas, segundo parece, eu tudo isto terminado já encontro. Pois deixando vazio o seu sítio no tumulto,

a filha de Tindaro desapareceu desta terra.

Eh! Retirai os ferrolhos! Soltai os cavalos

das cavalaças, companheiros, e trazei os carros,

para que, quanto depende do meu esforço, não escape

desta terra aquela que eu desejava para minha mulher.

*Helena, vestida de luto, sai do palácio.*

*Teoclímene vai-se apercebendo desse fato e estranha.*

1185

Esperai! Vejo que chegam os que eu perseguia, estão aqui presentes diante do palácio e não fugiram.

E tu, por que envolves o corpo em peplos negros,

por troca das vestes brancas, e da tua cabeça

com o ferro cortaste a nobre cabeleira?

Por que umedeces a face com copiosas lágrimas

e te lamentas? Acaso surpreendida por sonho noturno

te lamentas ou alguma notícia, vinda da tua pátria

escutaste que te veio perturbar o espírito?

HELENA

Senhor — pois é assim que neste momento te desgnó —

estou perdida. Tudo acabou para mim e já nada sou.

TEOCLÍMENO

1195 Mas que desgraça te atingiu? Que golpe da sorte?

HELENA

Menelau — Ai de mim! como o posso dizer — morreu-me.

TEOCLÍMENO

Não posso alegrar-me com as tuas palavras, mas estou feliz.

Como o soubestes? Acaso foi Teónoe que to revelou?

HELENA

Disse-mo ela e quem esteve presente quando morreu.

TEOCLÍMENO

1200 Pois está aqui alguém que também anuncia isso de forma segura?

HELENA

Aqui. E possa ele seguir o caminho até onde desço que vá.

TEOCLÍMENO

Quem é? Onde está? Fale para eu o conhecer com mais segurança.



HELENA E este que se encontra ali, oculto neste tumulto.

TEOCLÍMENO Ao reparar em Menelau.  
Por Apolo! Que vestes disformes ele traz!

HELENA Ai de mim! Imagino meu marido com umas assim.

TEOCLÍMENO De que raça é este homem e de onde chega a esta terra?

HELENA E grego, um dos aqueus que navegava com meu marido.

TEOCLÍMENO E, segundo ele, como se passou a morte de Menelau?

HELENA Da forma mais lamentável, nas líquidas ondas do mar.

TEOCLÍMENO Em que ponto nos bárbaros mares navegava?

HELENA Arremessado contra os inhóspitos rochedos da Líbia.

TEOCLÍMENO E por que não pereceu este seu companheiro de remos?

HELENA Os vilões são por vezes mais venturosos do que os nobres.

TEOCLÍMENO E onde deixou ele os destroços do navio?

HELENA Onde infelizmente devia ter perecido, em vez de Menelau.

TEOCLÍMENO Foi esse que morreu. Mas este em que barco veio?

HELENA Mariñheiros o encontraram e o recolheram, segundo conta.

TEOCLÍMENO E onde se encontra o funesto enviado para Troia, em vez de ti?

HELENA Falas do espectro de nuvem? Desapareceu no éter.

TEOCLÍMENO O Priamo e terra troiana, como a tua ruína foi em vão!

HELENA Também tive a minha parte nas desgraças dos priamidas.

TEOCLÍMENO E deixou o teu marido insepulto ou ocultou-o na terra?

HELENA Insepulto. E eu sou uma desgraçada, por causa dos meus males.

TEOCLÍMENO Foi por isso que cortaste os teus louros cabelos?

HELENA E que me é querido. + Foi-o outrora e ainda o é aqui neste momento +.



- TEOCLÍMENO  
E mesmo consistente o acontecimento que te faz chorar?
- HELENA  
(Lacuna)
- TEOCLÍMENO  
(Lacuna)
- HELENA  
Seria na verdade fácil passar despercebido à tua irmã?
- TEOCLÍMENO  
Não, por certo. Que vais fazer? Continuas a habitar este túmulo?
- HELENA  
Pois sou fiel ao meu marido, ao procurar evitar-te.
- TEOCLÍMENO  
Por que continuas a zombar de mim e não o morto em paz?
- HELENA  
Mas não mais. E agora já podes preparar as minhas núpcias.
- TEOCLÍMENO  
E chega atrasado, mas isso faz-me feliz do mesmo modo.
- HELENA  
Sabes então o que fazer. Esqueçamos as coisas passadas.
- TEOCLÍMENO  
Com que pacto? Quero retribuir favor com favor.
- HELENA  
Fagamos as pazes e reconcilia-te comigo.
- 1235

- TEOCLÍMENO  
Abandono a disputa contra ti, evolou-se num sopro.
- HELENA  
Agora diante dos teus joelhos, se és meu amigo...
- TEOCLÍMENO  
Que pretendes, ao estender-me os braços como suplicante?
- HELENA  
Quero sepultar o meu marido que acaba de morrer.
- TEOCLÍMENO  
Quê?! Fazer o túmulo de ausentes?! Sepultar uma sombra?!
- HELENA  
Segundo o costume dos helenos, quem morre no mar...
- TEOCLÍMENO  
Que dizes? São sábios os pelópidas nessas matérias.
- HELENA  
Sepultar nos vazios tecidos dos peplos.
- TEOCLÍMENO  
Presta esse tributo. Ergue o túmulo no lugar em que desejares.
- HELENA  
Não. Não desejo construir um túmulo aos marinheiros que pereceram.
- TEOCLÍMENO  
Como fazeis então? Não entendendo os costumes entre os gregos.
- HELENA  
Lançamos ao mar tudo o que é devido aos mortos.
- 1245



TEOCLÍMENO  
Que te devo, na verdade, oferecer para o que morreu?

HELENA

Indica Menelau.  
Este marinheiro sabe. Eu sou inexperiente. Fui até agora afortunada.

TEOCLÍMENO

*Dirige-se a Menelau e entre eles começa*

*um diálogo, verso a verso, ou esticomitia.*

1250 Feliz é a notícia que me trouxeste, estrangeiro.

MENELAU

Não por certo para mim nem para o que morreu.

TEOCLÍMENO

Como sepultais os cadáveres dos mortos no mar?

MENELAU

De acordo com a vida que cada um levou.

TEOCLÍMENO

Pede o favor que desejares, por causa de Helena.

MENELAU

Em primeiro lugar, uma vítima que seja imolada aos mortos.

TEOCLÍMENO

Que vítima? Indica-ma tu e eu obedecerei.

MENELAU

Decide tu próprio. O que deres será bem aceito.

TEOCLÍMENO

Entre os bárbaros é costume oferecer um cavalo ou um touro.

1260

TEOCLÍMENO

Deles não carecemos nos ricos rebanhos.

MENELAU

E levamos também um leito fúnebre, que vai sem o corpo.

TEOCLÍMENO

Seja. Que outras coisas é costume levar?

MENELAU

Armas de bronze, pois ele amava a guerra.

TEOCLÍMENO

Será um presente digno dos pelópidas o que vamos oferecer.

MENELAU

1265 E também tudo o que a terra dá, belos frutos.

TEOCLÍMENO

Como assim? Em que lugar o lançais às ondas do mar?

MENELAU

E necessário ter à disposição um barco e remadores.

TEOCLÍMENO

E que distância deve afastar-se o barco da costa?

MENELAU

Até quase não se ver o rebentar das ondas, na orla.

TEOCLÍMENO

E por quê? Por que observa a Hélade este costume?



MENELAU

Para que as ondas não arrastem de novo para terra as impurezas.

TEOCLÍMENO

Tereis os mais rápidos remos fenícios.

MENELAU

Seria uma bela forma de prestar honras a Menelau.

TEOCLÍMENO

Não bastarias tu, sem ela, para realizar esta missão?

MENELAU

É uma tarefa da mãe ou da mulher ou dos filhos.

TEOCLÍMENO

É dever dela, segundo dizes, prestar honras fúnebres ao marido.

MENELAU

É piedoso, pelo menos, não subtrair o costume dos mortos.

TEOCLÍMENO

Seja. É do meu interesse manter a minha mulher piedosa.

Entra no palácio e escolhe a oferenda para o morto

(*lacuna*)

e não te enviarei com as mãos vazias desta terra,

1280

por fazeres uma coisa que lhe agrade. E de mim, por novas

felizes me trazes, obterás, em vez dos farrapos que te cingem,

vestuário e alimentos suficientes que à pátria te permitam

regressar, porque agora te vejo em estado digno de lástima.

E tu, desventurada mulher, não deves por coisas irremediáveis

1285

consumir-te <*lacuna*>

<*lacuna*> Menelau tem o seu destino,

e o defunto não conseguirá voltar a viver com os teus lamentos.

1330

MENELAU

A tua tarefa, jovem mulher. O marido que tens em tua presença

convém que ames e abandona o que já não o é mais.

Pois esse é o melhor caminho para ti, na situação atual.

Se eu regressar à Hélade e acontecer a minha salvação,

Reabilitarei a tua reputação passada, se fores a mulher

que deves ser para o teu marido.

HELENA

Assim será. Nada a censurar terá o meu marido alguma vez.

E tu próprio, estando por perto, podes verificar isso mesmo.

Mas entra, pobre desgarrado, toma banho

e muda de roupa. Não terei atrasos em recompensar

os teus serviços. Desse modo serás mais zeloso

a prestares as honras devidas ao meu querido Menelau,

se eu te outorgar o que te devo oferecer.

1300

*Helena, Menelau e Teoclimeno entram no palácio.*

CORO

Outora correndo na montanha, com pé

Estrofe 1

veloz, a Mãe dos deuses lançou-se

para os vales cobertos de bosques,

ao longo das correntes dos rios

e das ondas do mar que brame,

com desejo da sua filha

ausente, de nome inefável.

E os ruidosos crótalos, agitados,

que emitem sons penetrantes,

quando a deusa atrela

seu carro, puxado por feras,

em busca da donzela raptada de junto

dos coros circulares das virgens

+ que com ela brincavam +, *Helena* e *Menelau* +

acorem as deusas céleres como procela,

1310

1305

1295

1292

1293

1290



Artemis armada com seu arco  
e a gorgópide Atena com a lança.  
Olhando atentamente do trono celeste  
(lacuna)  
[Zeus] cumpre outro destino.

E quando da caminhada errante  
a mãe cessou a fadiga  
na sua busca + afanosa +  
da filha raptada de forma dolosa,  
penetra os sempre nevados  
cumes do Ida habitado pelas Ninfas,  
deixa-se cair, abatida pela dor  
nos rochosos bosques cobertos de neve.  
E, para os homens, os prados, sem verdura,  
(lacuna)  
não fazia frutificar, apesar do cultivo,  
e deixava perecer a raça do povo  
e não envia aos rebanhos as florescentes  
pastagens de erva densa.  
A vida cessou nas cidades,  
não havia sacrifícios para os deuses  
e nos altares não ardiam as oferendas.  
E a deusa fez cessar as fontes frescas  
de onde manam águas límpidas,  
no seu luto desmedido pela filha.  
Mas quando a deusa pôs fim aos festins  
para os deuses e para a raça dos mortais  
Zeus, para aplacar a nefasta  
cólera da Deusa Mãe, anunciou:  
«Apressai-vos, Cárítes angustas,  
ide por causa da donzela Core,  
ide ter com a encolerizada Deo,  
+ afastai o seu desgosto + com gritos,  
e vós, Musas, com hinos de coros.

1315

Antístrofe 1

1320

na sua busca + afanosa +  
da filha raptada de forma dolosa,  
penetra os sempre nevados  
cumes do Ida habitado pelas Ninfas,  
deixa-se cair, abatida pela dor  
nos rochosos bosques cobertos de neve.

1325

1330

1335

Estrofe 2

1340

1345

Então, pela primeira vez, a brônzea trompa  
e os tambores de pele tensa fez ouvir  
a mais bela dos Bem-Aventurados,  
Cípris. E a deusa começou a rir  
e tomou em suas mãos  
a flauta de som profundo,  
divertida com o alarido.

1350

+ Por certo os ritos da lei e da piedade  
não queimaste no interior do tálamo +  
e atraís agora a cólera da Grande  
Mãe, ó filha, por os sacrifícios  
da deusa não teres respeitado.  
Grande poder têm as vestes  
de pele, de variegadas cores,  
a hera verde que coroa  
os nartex sagrados,  
o voltear do tímbrale  
em círculo nos ares,  
a cabeleira báquica agitada em honra de Brômio  
e as festas noturnas da deusa.  
+ e enquanto bem com os carros  
superava o brilho da lua,  
tu apenas pensavas na beleza. +

1360

1355

1370

HELENA

Tudo no palácio me foi propício, queridas amigas.  
Na verdade a filha de Proteu secundou o nosso dolo  
e, embora interrogada, a presença de meu marido  
não revelou ao irmão. E que, sepultado sob a terra,  
já não vê a luz do dia, disse ela, em meu apoio.  
Com mestria, + por certo, colheu a sorte + meu marido.  
Pois as armas que ele devia lançar ao mar,

*Helena e Menelau saem do palácio.*

Antístrofe 2



seu braço valente empunhando a correia do escudo e a lança segura na mão direita, ele próprio as leva, como se cooperasse nas honras a prestar ao morto. E, oportunamente, para o combate com armas se equipou para poder, com seu braço, sobre inúmeros bárbaros obter troféus, quando embarcarmos no madeiro munido de remos. Dando-lhe peplos em troca dos farrapos de náutrago, eu própria lhe dei as vestes, lhe fiz lavar o corpo, banho de água fresca do rio que há muito não sentia.

*Teoclimeno sai do palácio, acompanhado pelos servidores que trazem as oferendas. Helena pede ao Coro descrição e silêncio.*

1380

1375

Mas, visto que sai dos palácios aquele que meus esponsais julga já ter de posse, entre as mãos, devo calar-me. E vós, amigas, não deveis trair-me

(lacuna)

mas, benevolentes, guardai silêncio. Se conseguirmos nós próprios salvar-nos, um dia viremos também salvar-vos.

TEOCLIMENO

*Dá ordens aos servos, instruções a Menelau e procura dissuadir Helena de embarcar e de participar nos funerais.*

1390

Caminhai pela ordem que este estrangeiro indicar, servos, levando as oferendas para lançar ao mar. E tu, Helena, se te dou um conselho que não é mau, escuta-me e permanece aqui, pois as honras devidas poderás prestar a teu marido, presente ou não. Receio, de fato, que sobrevenha o desejo e te seduza a precipitar o corpo nas ondas do mar, impelida pelo afeto pelo teu anterior marido. Em excesso lamentas alguém que já não vive.

1395

HELENA

1400

O meu recente esposo, é uma obrigação que tenho de o meu primeiro leito e núpcias virginais

honrar. E eu, por amar na verdade o meu marido, também o acompanharia na morte. Mas que benefício tem em que eu morra juntamente com ele? Deixa-me então ir eu própria entregar estas oferendas fúnebres ao morto. E que os deuses te concedam o que eu desejo,

1405

e a este estrangeiro também, por me apoiar nesta tarefa. E em mim tu vais encontrar a mulher que deves ter em tuas mãos, por teres sido o benfeitor de Menelau e meu também. Pois tudo caminha agora para um destino.

1410

E quem nos deve dar o barco onde colocar estas oferendas receba as tuas ordens, para colheres a minha gratidão plena.

TEOCLIMENO

*Dirige-se, primeiro, a um dos servos que o acompanham; depois, a Helena.*

Vá, tu apressa-te e a estes dois dá uma nau de Sídôn de cinquenta remadores e a correspondente equipagem.

HELENA

Acaso não comandará o barco o que preside às exéquias?

TEOCLIMENO

1415

Certamente. Os meus marinheiros devem obedecer-lhe.

HELENA

Repete-o mais uma vez, para que eles te ouçam claramente.

TEOCLIMENO

Repito-o de novo e terceira vez, se isso te agrada.



HELENA  
Sejas recompensado, e eu também, segundo os meus desejos.

TEOCLÍMENO  
Não desfeies agora excessivamente o teu corpo com as lágrimas.

HELENA

É este mesmo o dia que te mostrará a minha gratidão.

TEOCLÍMENO

As coisas dos mortos nada são, e sem razão o seu lamento.

HELENA

+ Estão algures, tanto aqui como lá, os que eu refiro. +

TEOCLÍMENO

Nenhum mal, como teu marido, desejarei a Menelau.

HELENA

Nada há que censurar-te. Apenas me é necessária a sorte.

TEOCLÍMENO

Isso está nas tuas mãos. Basta que me concedas os teus favores.

1425

HELENA

Não é agora que vou aprender a amar os meus amigos.

TEOCLÍMENO

Queres, para te ajudar, que eu próprio dirija a expedição?

HELENA

De modo algum. Tu não vais servir os teus escravos, Senhor.

TEOCLÍMENO

1430 Então vá! Não me vou preocupar com as leis dos pelópidas.  
Pois a minha morada está sem mancha. Não foi aqui  
que entregou a alma Menelau. Alguém de vós que vá  
dizer aos vassalos para levarem os ornatos das núpcias  
para os meus palácios. É preciso que todo  
o país ressoe com alegres cantos,  
para que o meu himeneu e de Helena seja invejado.  
E tu, estrangeiro, vai lançar nos braços do mar  
estas oferendas para o que antes foi marido dela  
e apressa-te a trazer de novo ao palácio a minha mulher,  
para participar nos festejos das nossas núpcias, dela e minhas,  
e depois regressar a casa ou permanecer aqui feliz.

1435

1440

*Terminada a fala, Teoclímeneo abandona  
a cena e entra no palácio com o seu séquito.*

HELENA

Ó Zeus, a quem chamam pai e deus sábio também,  
lança o olhar para nós e liberta-nos dos males.  
Até nós, que arrastamos pelas ladeiras as nossas desditas,  
vem e ajuda-nos no esforço. Toca-nos com a ponta do dedo  
e conseguimos atingir a sorte que desejamos.  
E abundantes penas são as que sofremos no passado.  
Invoco-vos, deuses, ouvi as muitas coisas que fiz  
e as penas. Não devo suportar sempre desgraças,  
mas caminhar com passo firme. Concedei-me uma única  
graça: tornai o resto da minha vida afortunada.

1445

1450

CORO

Nau fénicia de Sídón, ó barco  
de rápidos remos, amável remar  
de sonoros redemoinhos de Nereu,

Estrofe I

*Menelau e Helena abandonam a cena.*



o corego dos belos coros  
de golfinhos, quando a brisa  
percorre o mar sem vento  
e a brilhante filha de Pontos,  
Galaneia, incita:  
"Destraldaí as velas, às brisas  
marinhas as entregando,  
e empunhai os remos de abeto,  
nautas, ó nautas,  
para as orlas de belos portos  
conduzir Helena, às mansões de Perseu."  
Ela por certo as donzelas Leucípides,  
junto às águas do rio ou defronte do templo  
de Pallas poderá surpreender,  
quando, passados tempos, se associou aos coros  
e cortejos em honra de Jacinto,  
para participar no festival noturno  
do herói que, ao lutar para lançar  
+ até ao limite a roda do disco, +  
Apolo matou, pelo que em terra  
da Lacônia um dia para sacrifícios de bois  
ordenou o filho de Zeus que se celebrasse.  
E encontrar o rebento que + deixou em casa +  
(*lacuna*)  
por cujas núpcias ainda não brilharam as tochas.

Oh! se voar nos ares, quais alados

Seres, pudéssemos para a Líbia

para a qual as fileiras de aves,

fugindo às chuvas de inverno,

volvem, atentas aos mais velhos

e obedientes à siringe

do seu guia, que as áridas

planuras e as produtivas

1455

1460

Antístrofe 1

1465

1470

1475

1480

1485

Estrofe 2

sobrevoa com seus gritos.  
Ó aves de longo colo,  
companhia no fluir das nuvens,  
voai sob as Plêiades no imo do céu  
e por sob o noturno Oríon,  
proclamai a mensagem,  
sentadas nas margens do Eúrotas,  
de que Menelau a cidade de Dárdano  
conquistou e regressa à sua morada.  
1495 Vinde enfim, rota equestre  
percorrendo através dos ares,  
jovens tindáridas,  
pelo círculo dos astros brilhantes  
onde também habitais, nos céus,  
vinde salvar Helena  
sobre o glauco inchar das vagas,  
sobre o azul escuro das ondas,  
sobre o branco fluir do mar  
e aos nautas o envio de propícias  
brisas obtende da parte de Zeus  
e de vossa irmã a infâmia  
de um leito bárbaro afastai  
fama que, devido à disputa do Ida,  
ela ganhou como punição,  
ela que nunca foi à terra de Ilíon,  
sobre as muralhas erigidas por Febo.

1490

1495

1500

1505

1510

*O mensageiro aparece a correr à  
porta do palácio, chama pelo rei que  
logo surge e dá-lhe a notícia da fuga  
de Helena com Menelau.*

Antístrofe 2



MENSAGEIRO  
+ Senhor, muito más são as notícias que te trago para casa. +  
Porque de mim ouvirás, de imediato, inesperadas desgraças.

TEOCLÍMENO  
E que aconteceu?

MENSAGEIRO  
Procura as núpcias de outra  
mulher, pois Helena abandonou este país.

TEOCLÍMENO  
Utilizando asas ou por terra com os seus pés?

MENSAGEIRO  
Foi Menelau que a retirou desta terra,  
ele que era o próprio mensageiro de que morrera.

TEOCLÍMENO  
Oh! Terrível notícia me das. E que navio o transportou  
deste país? Não é de acreditar, de fato, o que dizes.

MENSAGEIRO  
Exatamente aquele que tu deste ao estrangeiro. E, graças aos teus  
marinheiros, se evadiu, para o conheceres em poucas palavras.

TEOCLÍMENO  
Como? Estou desejoso de saber. Pois na minha esperança  
não cabe que um só braço tenha conseguido superar  
tantos marinheiros que com ele partiram.

MENSAGEIRO  
Quando abandonou estas mansões reais,  
e avançou em direção ao mar, a filha de Zeus  
caminhava com pés delicados, a sabida, e lamentava

1530 o marido que estava presente junto dela e não morto.  
E quando chegamos ao recinto dos teus arsenais.

retiramos a nau sidônia, a navegar a primeira vez,  
barco com os cinquenta bancos e outros tantos remos.  
E os trabalhos se sucediam aos trabalhos:

1535 um iça a vela, outro coloca os remos a postos,  
+ os remos estavam na mão + e velas brancas + preparadas, +  
ajustam-se os timões com as correias.

E, estando nós ocupados neste esforço, aproveitam então  
o momento os helenos, companheiros de Menelau,  
e acercam-se ao longo da costa, vestidos com os farrapos  
de náufragos, belos na estatura mas sórdidos à vista.

1540 E vendo-os presentes, o filho de Atreu  
exclama ante todos, ostentando uma falsa piedade:

Ó infortunados, como e de que barco da Acaia  
vindes, sobrevivendo a naufrágio da embarcação?

1545 Vá, vinde sepultar conosco o infeliz filho de Atreu  
a quem, ausente, a filha da Tíndaro presta honras fúnebres."  
E eles, vertendo lágrimas de modo fingido,

subiram para o navio, levando oferendas para Menelau.

1550 Para nós, pareceu-nos merecer suspeita  
e comentávamos uns com os outros que os recém-chegados  
eram uma multidão. Mas guardamos, não obstante, silêncio,  
obedecendo às tuas palavras. Ao entregar o comando  
do barco ao estrangeiro, tu foste a causa de tudo isto.

A restante carga, coisas leves, com facilidade  
a colocamos no interior do navio, mas o touro,

1555 de pés fincados, não queria avançar sobre a prancha,  
mas mugia, sem cessar, revolvía os olhos nas órbitas,  
arqueava o dorso e, de chifres levantados,

1560 não permitia que lhe tocassem. Então o marido de Helena  
clamou: "Ó saqueadores da cidade de Ílion,

eia! acaso não sois capazes de tomar, à maneira dos helenos,  
nos vossos ombros de jovens essa massa taurina  
e trazê-lo para a proa + — enquanto eu empunharei a espada



1600 e sangue não fará jorrar da cabeça destes estrangeiros, nossos inimigos?"  
 Todos se ergueram e, de pé, pegaram com mãos ambas  
 peças do navio, enquanto eles possuíam espada.  
 Do barco manava sangue. E ouvia-se a exortação  
 de Helena, postada à popa: "Onde a vossa glória troiana?  
 Mostrai-a a estes homens bárbaros." Na fúria do combate,  
 uns tombam por terra e levantam-se, veem-se outros  
 que jazem mortos. Menelau, de armas postas,  
 observava os locais onde os companheiros fraquejam  
 e a esse ponto acorria, de espada na mão direita,  
 de tal modo que nos obrigou a deixar a nau e esvaziou  
 os bancos dos teus nautas. Dirigindo-se então ao homem  
 do leme, ordenou-lhe que apontasse a proa à Hélade.  
 Igaram a vela, e favoráveis sopraram os ventos.  
 E já se foram desta terra. Quanto a mim, escapei ao morticínio,  
 fazendo-me deslizar para o mar ao longo da âncora.  
 Encontrando-me já em apuros, um pescador  
 recolheu-me e trouxe-me para terra para te vir  
 anunciar esta notícia. A sensata desconjanga,  
 nada é mais proveitoso do que ela para os mortais.

CORO

Nunca esperaria que Menelau passasse despercebido  
 de ti e de nós, Senhor, estando presente sem o notarmos.

TEOCLIMENO

Oh! vencido pelas artimanhas de mulheres, infeliz de mim!  
 Escaparam-se-me as núpcias. Se fosse possível tomar  
 o navio com perseguição, talvez me empenhasse em prender  
 [os estrangeiros.  
 Agora, porém, vou castigar a que foi traidora para mim, a minha irmã  
 que, conhecedora da presença de Menelau no palácio, não mo revelou.  
 E assim nenhum outro homem será enganado com as suas profecias.

1565 E eles, ocorrendo ao chamamento, arrebataram  
 o touro, arrastando-o, e depositaram-no no convés.  
 Quanto ao cavalo, Menelau, acariciando-lhe o pescoco  
 e a testa, induziu-o a embarcar para o barco.  
 Finalmente, quando a nau tudo acolhera já,  
 Helena, subida a escada com seus delicados pés,  
 sentou-se no meio da coberta do navio  
 e o que, em palavras, não existia, Menelau, ao lado dela.  
 E os outros, do lado direito e do esquerdo, igualmente  
 se dispõem, homem contra homem, com a espada  
 dissimulada sob os mantos e as ondas abafadas  
 pelo grito, a voz do chefe que escutávamos.  
 E quando nos afastamos, nem longe em excesso,  
 nem perto da terra, o guarda do timão perguntou:  
 "Devemos ainda navegar mais para o largo,  
 ou está bem assim? Pertence-te o comando da nau."  
 E ele respondeu: "E suficiente." E puxando da espada  
 com a mão direita, lançou-se para a proa e preparado  
 a imolar o touro, sem mencionar nenhum morto,  
 fende-lhe a garganta, com esta prece: "Ó deus que no mar resides,  
 venerável Poséidon, e vós, castas filhas de Nereu,  
 conduzi-nos até às costas de Náuplia, a mim e a minha esposa,  
 a salvo e sem violência, desta terra." E fluxos de sangue  
 jorraram para o mar, fausto presságio para o estrangeiro.  
 Então um de nós gritou: "E um dolo a empresa.  
 Invertamos a rota. Tu dá as ordens + com audácia +  
 e tu volve a nau para casa." Junto do touro imolado,  
 o filho de Atreu, de pé, clamou aos companheiros:  
 "Que esperais, ó fina-flor da terra da Hélade,  
 para matar, massacrar os bárbaros e do alto do navio  
 atrá-los ao mar?" Aos teus marinheiros, por seu lado,  
 o chefe dos remadores gritou ordem contrária:  
 "Eia, rápido! Não agarrará um a ponta de um pau,  
 pega outro num banco, retira outro ainda o remo do encaixe



*Teoclímeneo dirige-se e apresta-se a entrar na parte do palácio em que vive Teónoe. E impedido por um Servidor.*

SEGUNDO SERVIDOR  
Ó tu? Para onde diriges os teus passos, Senhor? A quem vais matar?

TEOCLÍMENO  
Aonde a justiça me impele. Vá, afasta-te do caminho.

SEGUNDO SERVIDOR  
Não largo as tuas vestes, pois vais cometer grande malefício.

TEOCLÍMENO  
Mas vais mandar no teu patrão, sendo escravo?

SEGUNDO SERVIDOR  
Pois procuro o bem.

TEOCLÍMENO  
Não para mim, por certo, se me não deixas...

SEGUNDO SERVIDOR  
Não te vou deixar mesmo.

TEOCLÍMENO  
Matar uma irmã celerada...

SEGUNDO SERVIDOR  
A mais piedosa, pelo contrário.

TEOCLÍMENO  
Que me traiu...

SEGUNDO SERVIDOR  
Louvável traição, fazer justiça.

TEOCLÍMENO  
Ao entregar o meu leito a outro...

SEGUNDO SERVIDOR  
Com mais justos direitos.

TEOCLÍMENO  
E quem é senhor do que é meu?

SEGUNDO SERVIDOR  
O que a obtive de teu pai.

TEOCLÍMENO  
Mas a sorte concedeu-ma.

SEGUNDO SERVIDOR  
E o Destino retirou-ta.

TEOCLÍMENO  
Tu não deves julgar as minhas ações.

SEGUNDO SERVIDOR  
Sim, se falo com mais acerto.

TEOCLÍMENO  
Então devo obedecer, não tenho poder.

SEGUNDO SERVIDOR  
De fazer coisas justas e não injustas.

TEOCLÍMENO  
Parece que desejas morrer.



## SEGUNDO SERVIDOR

Mata-me. Mas tua irmã,

não a matarás, com minha autorização, antes de mim.

Morrer pelos senhores é a maior glória para os escravos de alma nobre.

*Os Dioscuros, filhos de Zeus e irmãos*

*de Helena, aparecem ex machina, por*

*cima do palácio. Toma a palavra Castor.*

## CASTOR

Domina a cólera que não te conduz no reto caminho,

Teoclímene, senhor deste país. São os dois

Dioscuros que te falam, nós a quem Leda um dia

deu à luz, como a Helena, a que fugiu da tua morada.

Encolizas-te com núpcias não desejadas pelo destino,

e não comete a jovem descendente da deusa Nereide,

a tua irmã Teónoe, qualquer injustiça contra ti; dos deuses

veneu a vontade e as justas determinações de teu pai.

[Era necessário, de fato, que até ao tempo presente

ela habitasse permanentemente nos teus palácios;

mas, uma vez destruída Troia desde os fundamentos

e não sendo necessário já ceder o nome aos deuses,

ela deve permanecer ligada pelas mesmas núpcias,

regressar a casa e aí conviver com o seu marido.]

Vá, detém a negra espada contra a tua irmã

e considera que ela agiu com sensatez nesta questão.

Há muito tempo já teríamos vindo salvar a nossa irmã,

visto que Zeus, na verdade, nos tornou deuses.

Nós somos, porém, inferiores quer à força do destino,

quer aos deuses que decidiram que as coisas assim fossem.

Quanto a ti — e dirijo-me a minha irmã — anúncio o seguinte:

Voga com o teu marido, tereis ventos propícios.

Nós somos os teus dois irmãos, protetores,

que, cavalgando o mar, vos acompanharemos até à pátria.

Quando atingires a meta e o termo da tua vida,

1640

1640

1645

1650

1655

1660

1665

1670

1675

1680

1685

1690

serás celebrada como deusa [e junto dos Dioscuros

participarás nas libações] e a hospitalidade dos homens

terás junto de nós. Pois Zeus assim o decidiu.

O ponto aonde o filho de Maia primeiro te transportou

pelos ares, arrebatando-te de Esparta

e retirando o teu corpo, para que a Páris te não tivesse,

refiro-me à ilha que, como guarda, se alonga junto de Akte,

será chamada, no futuro, Helena entre os mortais,

porque te recolheu depois de retirada do teu palácio.

E quanto a Menelau, que andou errante, junto dos deuses

está determinado que habite a ilha dos Bem-Aventurados.

Pois às pessoas de nobre nascimento não as odeiam as divindades,

e padecem mais os que nascem para fazer número.

## TEOCLÍMENO

Ó filhos de Leda e de Zeus, eu esquecerei,

de futuro, o ressentimento contra vossa irmã,

e pode ela ir para casa, se é vontade dos deuses;

eu também já não penso em matar a minha.

E ficai cientes de que da mulher mais virtuosa e casta

+ sois os parentes nascidos do mesmo sangue. +

E felicito-vos por Helena, pela sua nobreza

de espírito que não se vê em muitas mulheres.

## CORO

Muitas são as formas do divino,

e muitas as ações imprevisíveis dos deuses.

O que era esperado não se realizou;

para o inesperado um deus encontrou o caminho.

E foi assim que terminou este drama!

<sup>1</sup> Este final é comum a várias peças de Eurípides: *Alceste*, *Andrômaca*, *Bacantes* e também a *Medeia*, embora com ligeiras variantes.



# NOTA SOBRE O AUTOR

José Ribeiro Ferreira, natural de Santo Tirso, Portugal, licenciou-se em Filologia Clássica na Faculdade de Letras na Universidade de Coimbra, onde é professor. Leciona História da Antiguidade Clássica e História da Cultura Clássica, Literatura Grega, História da Arte Grega.

Investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (INIC) desde 1971, tem feito investigação e publicado trabalhos no âmbito do teatro grego (*Filocetes* de Sófocles e *Andrômaca* e *Suplicantes* de Eurípides), da pólis, do federalismo grego, da democracia grega e da influência da Grécia e de Roma na Revolução Francesa.

Diretor do Instituto de Estudos Clássicos e da revista *Humanitas* a partir de 1995. Membro da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e da Sociedad Española de Estudios Clássicos.

No domínio da poesia tem colaborado no *Journal de Noticias*, em *Letras e Letras* e na revista *Nova Renascença*. Publicou já os livros: *Ulysses sem Feaces* (com pseudónimo Tirso do Lago, 1974), *Os olhos no presente*, 1ª edição (1982), *Pesa o momento a eternidade* (1984), *Veleiro da areia* (1985) *O santuário e o oráculo* (1985), *Ficção imagem* (1992), *Variações sobre o tema de Sibaris* (1994), *Telhas de outro alpendre* (1994). Sua tradução de *Filocetes*, de Sófocles, foi publicada no Brasil, pela Editora Movimento, de Porto Alegre, em 2002. Agora, em 2009, José Ribeiro Ferreira compara com a tradução de Helena, de Eurípides, também pela Movimento.

Este livro foi composto por Sulbrasil para a Movimento, em agosto de 2009, no XLI ano de sua fundação.  
556/2009



filosofia e problemas imediatos da vida burguesa. Discute franca e livremente as relações entre os sexos, as questões do

matrimônio, a posição da mulher e do escravo na sociedade grega, e da lenda da Medeia forja algo semelhante a um drama matrimonial burguês".

Segundo Pohlenz,

enquanto Esquilo e Sófocles acreditavam ainda na "imanente justiça do mundo", em

Eurípides o homem já não é mais que um joguete do acaso. Desde sua estreia nos

concursos teatrais de Atenas – cerca de 455 a.C. – até a data de sua morte, em 406 a.C.,

Eurípides nos legou as seguintes obras: *O ciclope* (único drama

satírico), *Alceste*, *Andrômaca*,

*Bacantes*, *Os Heráclidas*, *Hipólito*,

*Ifigênia em Aulis*, *Ifigênia em Táurís*,

*Íon*, *Medeia*, *Orestes*, *Helena*, *As*

*suplicantes*, *As troianas*. Das peças

perdidas, nos restam inúmeros

fragmentos. Eurípides morreu

aos 75 anos em Pala, Macedônia.

Mariano Soares

EURÍPIDES

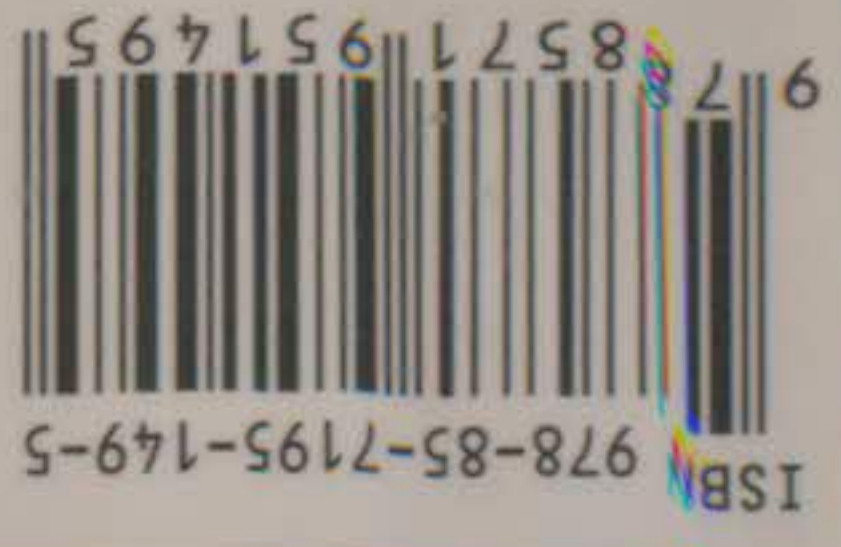
O MUNDO DAS IDEIAS DOS SOFISTAS ENCONTRA SUA EXPRESSÃO ARTÍSTICA MAIS COMPLETA E

IMPORTANTE EM EURÍPIDES, O ÚNICO VERDADEIRO POETA DA ILUSTRAÇÃO HELENICA. OS TEMAS MÍTICOS PARECEM SER PARA ELE APENAS UM PRETEXTO PARA

TODAS AS QUESTÕES MAIS ATUAIS DA FILOSOFIA E PROBLEMAS IMEDIATOS DA VIDA BURGUESA. DISCUTE FRANCA E LIVREMENTE AS RELAÇÕES ENTRE OS SEXOS, AS QUESTÕES DO MATRIMÔNIO, A POSIÇÃO DA

MULHER E DO ESCRAVO NA SOCIEDADE GREGA, E DA LENDA DA MEDEIA FORJA ALGO SEMELHANTE A UM DRAMA MATRIMONIAL BURGUÊS.

ARNOLD HAUSER



Mais um livro de valor da EDITORA MOVIMENTO